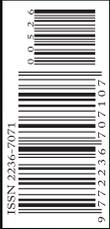


JUL-AGO 2016

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80



## Na mira do inimigo

# Famílias blindadas



Wellington de Moraes

Em janeiro de 2016, Saeed Abedini, um pastor irania-  
no naturalizado norte-americano, foi libertado após  
passar mais de três anos detido no Irã. Seu cri-  
me? Organizar igrejas nos lares de sua terra natal. O fato  
repercutiu internacionalmente e foi considerado pela  
imprensa dos Estados Unidos como um grave exemplo  
de perseguição religiosa contra cristãos do país.

Entre setembro de 2012 e novembro de 2015, en-  
quanto Saeed estava preso, a esposa, Naghmeh, lide-  
rou uma grande campanha em favor de sua libertação.  
Através dos mais variados meios de comunicação, ela  
pedia o apoio de políticos e da opinião pública, para ver  
novamente o rosto de seu esposo. A imagem da famí-  
lia Abedini, composta pelo casal e pelos filhos pequenos  
Rebekka e Jacob, correu o mundo e sensibilizou milha-  
res de pessoas a interceder pela vida do corajoso pastor  
que, além da prisão, suportava longas sessões de tor-  
tura e interrogatório, por amor a Cristo.

Entretanto, em novembro de 2015, para surpresa de  
todos, Naghmeh abriu mão de sua militância em favor  
do esposo para denunciar uma série de abusos cometi-  
dos por ele enquanto estavam juntos. Em um e-mail  
direcionado a seus colaboradores, ela afirmou que “não  
queria mais viver uma mentira”. Após sua libertação,  
Saeed tomou conhecimento das alegações da esposa  
e, publicamente, disse que muitas afirmações não eram  
verdadeiras. Contudo, admitiu que seu casamento pre-  
cisava de “cura e restauração”.

Saeed e Naghmeh são ativos nas redes sociais e, re-  
centemente, expressaram seus sentimentos em relação  
aos problemas conjugais. Ele afirma que sua vida tem  
sido mais difícil agora do que no período em que foi pri-  
soneiro no Irã. Ela pede que as pessoas orem para que  
o marido aceite a ajuda de conselheiros que trabalhem  
em favor da reconciliação familiar.

Para vários espectadores dessa triste situação, fica  
uma pergunta no ar: como um pastor tão corajoso e  
disposto a sofrer por Cristo pode passar por problemas  
tão sérios em seu lar? Na mentalidade de muitos, ho-  
mens que estariam dispostos a morrer pelo evangelho

não deveriam ter crises familiares dessa natureza. En-  
tretanto, a história sagrada mostra que as coisas não  
são bem assim.

Problemas em família são tão antigos quanto o pe-  
cado no mundo. Já no início da Bíblia, em Gênesis 3 e 4,  
temos um grave problema conjugal e um fratricídio!  
Grandes homens do relato sagrado como Samuel, Davi,  
Salomão e Oseias viveram momentos desafiadores em  
casa. O fato é que ninguém está imune aos conflitos e  
desentendimentos que a convivência familiar pode gerar.

Muitos buscam uma explicação meramente espiri-  
tual para tais dificuldades. Assim, Satanás se torna o úni-  
co responsável pelo insucesso no lar. Por um lado, não  
podemos ser ingênuos a ponto de lançar indiscrimina-  
damente na conta do diabo a culpa por todos os pro-  
blemas. Por outro, seria ignorância achar que ele não se  
aproveita das fragilidades da família pastoral para de-  
sestabilizar todos e anular a influência e o trabalho que  
ela desempenha na ampliação do reino de Deus na Terra.

O que fazer então? Cientes de que o inimigo tem  
uma predileção especial pela família pastoral, precisa-  
mos blindar nossa casa a fim de que saíamos vitorio-  
sos da guerra.

Por isso, devemos fazer do Senhor o edificador de  
nosso lar (Sl 127:1). Conhecer e praticar os princípios bí-  
blicos referentes à cada peça do quebra-cabeças familiar  
deve ser o alvo de cônjuges, pais e filhos. Além disso, de-  
vemos nos sujeitar “uns aos outros no temor de Cristo”  
(Ef 5:21, NVI). O espírito de humildade, serviço e perdão  
catalisa as diferenças e fortalece os laços da intimidade  
no lar. Por último, devemos permanecer atentos para  
não cair nas “ciladas do diabo” (Ef 6:11). Assim, qualquer  
sinal de desarranjo deve levar a família à reflexão e, se  
necessário, à ajuda profissional.

Blindados como família pastoral, poderemos “resis-  
tir aos ataques do inimigo” e, depois de lutarmos até o  
fim, continuar “firmes, sem recuar” (Ef 6:13, NTLH). **TM**

“  
**Cientes de que  
o inimigo tem  
uma predileção  
especial  
pela família  
pastoral,  
precisamos  
blindar nossa  
casa a fim de  
que saíamos  
vitoriosos da  
guerra.”**

## 10 Uma vida incomum

*Natanael Moraes*

Como o pastor e sua esposa podem lidar com os principais desafios da vida conjugal

## 14 Pais e filhos

*Claudia Bruscajin*

De que maneira o pastor pode exercer sua paternidade de modo mais eficaz

## 18 Sob controle

*H. Peter Swanson*

Administre o estresse familiar e viva mais feliz

## 22 Armagedom: a última batalha

*Vanderlei Dorneles*

Uma análise detalhada sobre a sexta praga do Apocalipse

## 27 Estilo de vida adventista

*Renato Stencil*

Um olhar reflexivo acerca do comportamento cristão

## 30 Crise de imagem

*Felipe Lemos*

Dicas para proteger a reputação da igreja diante de situações difíceis

**2** Editorial

**4** Palavra do leitor

**5** Panorama

**6** Entrelinhas

**7** Entrevista

**32** Além das fronteiras

**33** Dia a dia

**34** Recursos

**35** Ponto final

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 - Número 526 - Jul/Ago 2016  
Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

### Editor

Wellington Barbosa

### Editor Associado

Márcio Nastrini

### Assistente de Editoria

Milenna Vieira

### Projeto Gráfico

Levi Gruber

### Capa

Sepy / Fotolia

### Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page; Derek Morris; Willie Hucks.

### Colaboradores

Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Cristhian Alvarez; Edilson Valiante; Edmundo Ferrufino; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Mitchel Urbano; Montano de Barros; Rodrigo Cárcamo; Rubén Montero.

### Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br  
www.facebook.com/revistaministerio  
Twitter: @MinisterioBRA  
Redação: ministerio@cpb.com.br



**CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34  
18270-970 - Tatuí, SP

### Diretor-Geral

José Carlos de Lima

### Diretor Financeiro

Uilson Garcia

### Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

### Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

### Chefe de Arte

Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00  
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer meio,  
sem prévia autorização escrita  
do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5953 / 34510

## Capa

Foi muito propícia a escolha do assunto de capa da *Ministério*. Gostei muito do editorial, que fez uma excelente analogia entre o “i” dos produtos da Apple e a igreja. Além disso, os artigos referentes ao tema geral ficaram ótimos. Apreciei principalmente o último (“Pausa na conexão”), que abordou com propriedade a necessidade de nos desconectarmos.

**Fábio Ferreira**  
Juiz de Fora, MG



profunda reflexão acerca do momento em que o mundo vive, no qual os meios digitais são ferramentas poderosíssimas para transformar membros de uma igreja impessoal e virtual em membros de uma comunidade real. Sabemos que o chamado de Cristo foi para uma missão pessoal e de envolvimento efetivo. Isso acontecerá apenas se conectarmos a iGreja a uma Igreja. Gostaria apenas de observar um ponto importante. Como essa é uma revista direcionada a pastores e líderes, senti falta de uma matéria que apresentasse os riscos dessas novas tecnologias na vida dos ministros. Isso foi mostrado de forma superficial em alguns artigos, mas creio que poderia se aproveitar o momento e, em uma única página, apontar os perigos de se publicar textos na internet, tanto na condição pessoal quanto na qualidade de representante da igreja, que representem visões particulares ou até momentos de intimidade da família.

**Danielson Silva**  
Miraguaí, RS

**Expresse sua opinião. Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou envie sua carta para Ministério, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.**

As cartas publicadas não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editadas por questão de clareza ou espaço.

## E-vangelismo

Felicito os editores da *Ministério* pelos artigos direcionados ao tema da era digital. Eles agregam conhecimento para que entendamos o momento em que vivemos e os desafios que temos ao lidar com um mundo no qual precisamos estar conectados para salvar. Parabéns ao Márcio Tonetti pelo artigo “E-vangelismo”. Tenho algumas histórias do tempo em que a internet ainda era “sem forma e vazia” e que passávamos horas tendo que explicar que www não era 666 nas palestras e treinamentos de comunicação. Ainda nessa época, presenciei um dos primeiros batismos motivados pelo trabalho na internet. Por meio de um sistema de *chat*, dois amigos estudaram a Bíblia, e isso resultou no batismo de uma jovem.

**Vanio Fortes**  
São Paulo, SP

## Pausa na conexão

O impacto da era digital é um assunto que tem gerado muitos desafios para a igreja. Às vezes, percebo que nós, pastores, ainda não estamos plenamente conscientes de que essa condição está transformando o comportamento da igreja, especialmente dos jovens. Chamou-me a atenção o artigo “Pausa na conexão”. Os autores mostraram com muita clareza as consequências do mundo digital na vida das pessoas e o fato de que a mensagem do sábado está mais relevante do que nunca.

**Jabis Peixoto**  
Capivari, SP

## Sugestão

Apreciei muito a edição do último bimestre da *Ministério*. Ela promoveu uma



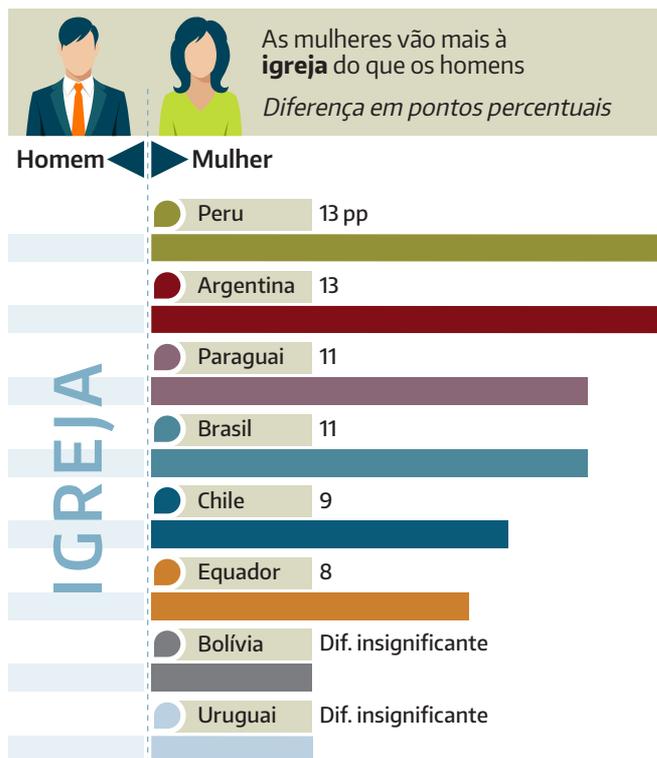
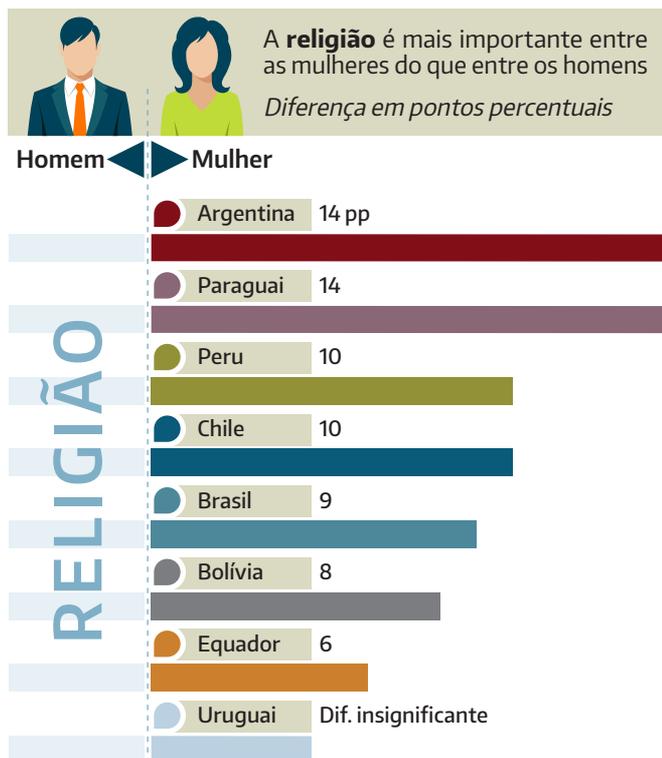
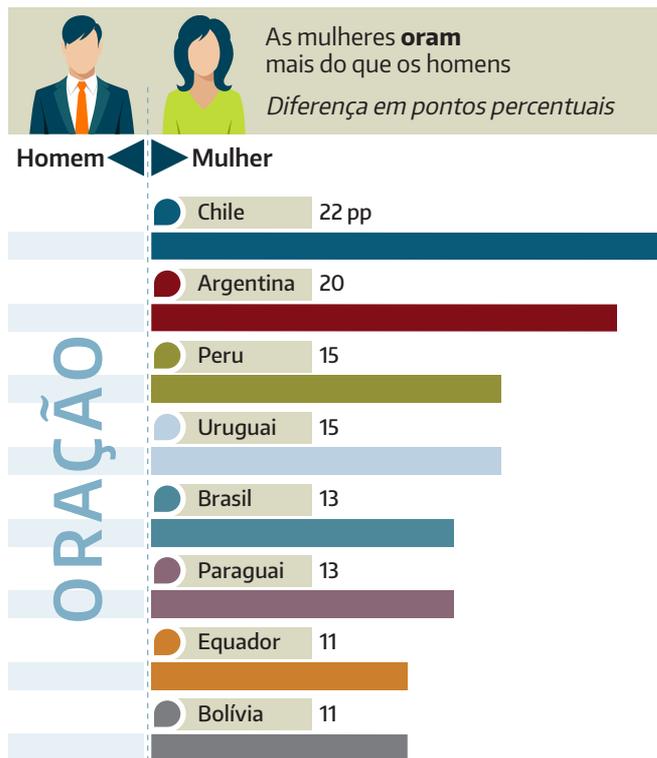
 [revistaministerio.com.br](http://revistaministerio.com.br)

 [revistaministerio](https://www.facebook.com/revistaministerio)

 [@MinisterioBRA](https://twitter.com/MinisterioBRA)

# A religião sob a perspectiva de homens e mulheres

Um olhar rápido sobre a comunidade cristã aponta que a maior parte dos membros das igrejas é composta por mulheres. Para além da superficialidade, uma pesquisa do Pew Research Center, realizada em 84 países entre 2008 e 2015, indicou que as mulheres cristãs são mais religiosas do que os homens cristãos, e que homens e mulheres muçulmanos demonstram níveis similares de religiosidade. Um retrato da atitude de homens e mulheres cristãos da América do Sul apresenta o seguinte resultado:



Fonte: Pew Research Center, *The gender gap in religion around the world*, <pewforum.org>, acesso em 26/4/2016.



Gentileza DSA

# Elemento indispensável

**E**ra uma manhã fria. Decidimos ficar em casa para desfrutar aquele feriado em família. Enquanto nos entretínhamos brincando com os filhos, um deles se aproximou e me perguntou: “Papai, o que uma pessoa precisa ter para ser um pastor?”

Não me recordo exatamente do que respondi a ele, mas essa questão permaneceu em minha mente durante muito tempo. O que jamais imaginei naquela ocasião, foi que algum dia, como secretário ministerial, eu deveria saber responder aquela pergunta.

Tenho lido e estudado sobre o assunto. Atualmente, não tenho dúvida de que a melhor resposta é simples, porém profunda. “O que se requer de uma pessoa para ser pastor?” *Paixão!* Eis a resposta. Hoje, mais do que nunca, a igreja necessita do pastor “com paixão”.

Sim. Pastor com paixão. Apaixonado por Deus, apaixonado por sua família, apaixonado pela igreja, apaixonado pelas pessoas.

Um pastor apaixonado por Cristo certamente terá compaixão daqueles que necessitam de um Salvador. As pessoas não querem apenas doutrina ou uma simples religião, elas querem ver Deus na pessoa do pastor; querem ver Deus na família e na igreja do pastor. Essa ordem dos fatores não pode ser alterada. Primeiro Deus, depois paixão pela família, e então pela igreja, para que as pessoas possam conhecer o Deus que representamos.

As pessoas precisam ver no pastor um caráter verdadeiramente semelhante ao de Cristo. Ellen White disse: “Não é tanto a religião do púlpito quanto a da família que revela nosso verdadeiro caráter. A esposa do pastor, seus filhos e os que estão empregados como auxiliares em sua família são o juiz mais bem qualificado

“

**As pessoas não querem apenas doutrina ou uma simples religião, elas querem ver Deus na pessoa do pastor; querem ver Deus na família e na igreja do pastor.”**

de sua vida religiosa. Um homem bom será uma bênção em sua casa. Esposa, filhos e empregados serão o melhor para sua religião” (*O Lar Adventista*, p. 354).

Por isso, “coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo. O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos” (*Obreiros Evangélicos*, p. 204).

Se deseja ser bem-sucedido em seu ministério, o pastor precisa “mostrar em sua família consideração bondosa, ternura, amor, gentileza, nobre paciência e verdadeira cortesia apropriados a um líder de família, antes de ter êxito em ganhar almas para Cristo” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 3, p. 556). Alguns ministros não compreendem que “aquele que fracassa em ser um pastor fiel e zeloso no lar, certamente fracassará em ser um fiel pastor do rebanho do Senhor na igreja” (*Manuscript Releases*, v. 6, p. 49).

Portanto, lembre-se de que o pastor precisa ter “paixão pelas almas”. Contudo, para que seja autêntica, essa paixão deve seguir uma ordem de prioridades: paixão por Deus, paixão pela família, paixão pela igreja, e então, somente então, ele poderá ter paixão sincera pelas pessoas. **M**

**Carlos Hein**

Secretário ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul

# Família de carne e osso



Gentileza do entrevistado

**“As famílias pastorais são tão humanas quanto quaisquer outras de nossa sociedade, e sujeitas às pressões que as demais famílias também enfrentam”**

por Wellington Barbosa

O aumento da complexidade dos problemas familiares tem demandado a formação de especialistas que orientem as famílias a fim de que elas estejam preparadas para os desafios e possam superar situações difíceis que surgem ao longo da vida. Com ampla experiência profissional, o doutor Carlos “Catito” Grzybowski é um dos nomes que se destacam no Brasil, quando o assunto é família cristã.

Curitiba, ele tem graduação e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, e doutorado em Linguística Aplicada pela mesma instituição. Atualmente, é sócio-diretor do Instituto Phileo de Psicologia, coordenador e professor de cursos de pós-graduação da Faculdade Luterana de Teologia, presidente da Associação Brasileira de Assessoramento e Pastoral da Família (Eirene do Brasil), docente do Instituto de Aconselhamento e Terapia do Sentido do Ser, professor convidado do Centro Evangélico de Missões e da Faculdade Sul-Americana, em Londrina, e membro pleno do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos.

Além de psicólogo e professor, o doutor Carlos Catito é colunista da *Ultimato*, uma das mais conceituadas revistas do segmento evangélico brasileiro, e escreveu vários livros, entre eles *Macho e fêmea os criou: celebrando a sexualidade* (Ultimato, 1998); *Como se livrar de um mau casamento* (Ultimato, 2004), e *Pais santos, filhos nem tanto* (Ultimato, 2012), em coautoria com Dagmar, com quem está casado há 34 anos. Tem como *hobbie* elaborar histórias infantis, sendo o criador do personagem infantil Smilinguido e da Tribo Selvação. É pai de Sabine, casada com Guilherme, e de Lukas, casado com Bárbara. Tem três netos: Clarice, Matias e Leopold.

## ***O que motivou o senhor a desenvolver um ministério voltado para famílias cristãs?***

Enquanto estava nos últimos anos da faculdade, iniciei um trabalho voluntário em Comunidades Terapêuticas para atender dependentes químicos. Nesse período, observei que muitos internos que estavam bem durante o tratamento, tinham recaídas quando voltavam ao contexto familiar. Isso despertou minha curiosidade e me motivou a estudar a relação entre a influência da família e o uso de drogas pelos adolescentes. Em seguida, tive contato com o doutor Jorge Maldonado, um psicólogo, pastor e terapeuta familiar equatoriano, que me convidou para ir ao Equador fazer uma especialização em Terapia Familiar. Lá, conheci mais profundamente o ministério Eirene Internacional, e rapidamente me apaixonei por essa proposta. Então, trouxe a entidade para o Brasil, estando à frente dela desde o início de suas atividades no país.

## ***O senhor acredita que a família pastoral seja diferente das demais?***

Com certeza! A família pastoral tem algumas especificidades que a diferem das demais famílias, pois ela está sempre sujeita à superexposição diante da comunidade. Há ainda uma série de expectativas que a irmandade tem sobre a família pastoral, muitas vezes fora da realidade, que acaba resultando em pressões internas. Se estas não forem bem administradas, podem redundar em desestruturação familiar.

### ***Existe um aumento progressivo no número de famílias disfuncionais em nossa sociedade. É possível observar essa realidade também entre as famílias pastorais?***

As famílias pastorais são tão humanas quanto quaisquer outras de nossa sociedade, e sujeitas às pressões que as demais famílias também enfrentam. Vemos que fenômenos como divórcio, uso de drogas pelos filhos e outras disfunções atingem também as famílias pastorais. Em meu livro *Pais santos, filhos nem tanto*, abordo exatamente esse tema, analisando os vários conflitos familiares (estupro, incesto, assassinato e rebelião dos filhos) enfrentados por Davi, um homem segundo o coração de Deus.

### ***Quando um casal pastoral enfrenta uma crise conjugal e procura ajuda, quais são as principais causas do conflito?***

As duas principais causas que têm chegado a meu consultório nesses 34 anos de exercício profissional são a sobrecarga de trabalho e a dificuldade de lidar de forma saudável com a sexualidade. No primeiro caso, o pastor é facilmente seduzido pelas inúmeras e constantes demandas da congregação. Desse modo, ele acaba assumindo cada vez mais funções, deixando em segundo plano o cuidado com o cônjuge. Consequentemente, a esposa, deixada em

segundo plano, ressentida-se, e as tensões aumentam. Quanto ao segundo caso, a falta de uma leitura da Bíblia desprovida dos ranços culturais do machismo e das, muitas vezes, distorções familiares do legalismo, leva o casal a ter uma vida sexual concentrada somente no fisiologismo sensorial, e não na ternura relacional. Assim, eles se sentem objetos de satisfação sensorial do outro e não sujeitos, buscando, não raras vezes, a pornografia como alternativa disfuncional (porém secreta) de “satisfação”.

**A família pastoral tem algumas especificidades que a diferem das demais famílias, pois ela está sempre sujeita à superexposição diante da comunidade. Há ainda uma série de expectativas que a irmandade tem sobre a família pastoral, muitas vezes fora da realidade, que acaba resultando em pressões internas.**

### ***Quais falhas o casal pastoral comete com mais frequência quando o assunto é educação?***

Na maioria das vezes, os pastores repassam aos filhos as exigências que a comunidade lhes impõe, impedindo que as crianças sejam simplesmente crianças. Elas não podem correr, gritar, fazer bagunça, etc. Dessa forma, os pais impedem o desenvolvimento saudável dos filhos. Assim, na medida em que crescem, eles vão percebendo que os pais lhes impõem isso “para atender a demanda da comunidade”, e então se rebelam. O casal pastoral deve ter sempre em mente que os

filhos são crianças e, como tais, precisam de atenção, carinho e cuidado, não de imposições irrealistas geradas por expectativas externas. É preciso tirar tempo, sentar no chão, brincar com os filhos, ouvir suas “bobagens”, interessar-se efetivamente pelo mundo deles e nunca querer transformá-los em “superfilhos” que sejam o *exemplo* para toda a comunidade. Em relação aos filhos adolescentes, a situação não é diferente. É preciso interessar-se pelo mundo deles, saber as músicas que eles ouvem, conhecer as companhias que têm, convidar os amigos deles a vir à casa e saber quem são seus pais. É preciso envolver os filhos adolescentes em atividades que agradem o interesse deles e ter sempre um tempo para “curtir algo” juntos, como jogar bola ou videogame, assistir a um filme, acampar ou simplesmente sair para tomar um lanche. Os pais nunca devem deixar de ser afetivos. Alguns acreditam que, quando os filhos entram na adolescência, não mais precisam de “colo”. Ao contrário, abraços, beijos e outras expressões de carinho são muito importantes, tanto a rapazes quanto a moças.

### ***Existe algo que a igreja local possa fazer para ajudar a família pastoral a superar seus problemas?***

Com toda a certeza! O ponto principal é ver seus líderes como pessoas humanas que, por terem recebido de Deus o dom especial da liderança, foram colocadas à frente do rebanho. A comunidade não deve considerar os líderes seres sobrenaturais infalíveis, que nunca podem errar e que precisam atender a todas as exigências congregacionais – isso é *impossível!* Entretanto, os membros das igrejas teimam em ter em mente esse modelo. Há um pequeno livro de Don Baker intitulado *Além do perdão* (Ed. Betânia), que relata a história de uma igreja que soube acolher uma família pastoral em crise e a

ajudou a superá-la. O detalhe da narrativa é que essa congregação foi extremamente criticada por outras igrejas, embora ela apenas estivesse cumprindo o mandamento de amar!

### **De que maneira as denominações cristãs podem ajudar seus pastores a ser felizes na vida familiar?**

Desde a formação nos seminários até as pregações dos púlpitos, deveria ser enfatizada a ideia de que os pastores são seres humanos como quaisquer outros, com necessidades e desejos, virtudes e defeitos, que diferem dos demais cristãos somente por causa do dom de liderança que lhes foi dado por Deus e do chamado para uma missão de tempo integral. Se isso for inculcado na mente dos membros, muitas das pressões que recaem sobre as famílias pastorais seriam aliviadas, e isso, por si só, já seria fator gerador de saúde. Creio também que todo pastor deveria ter um mentor ou conselheiro espiritual durante sua vida ministerial. Grande

parte do sofrimento da família pastoral vem do fato de que ela não tem onde nem em quem buscar ajuda. Se for se aconselhar com um membro da igreja, corre o risco de ser mal compreendida, e a fragilidade do pastor pode se tornar “focaca espiritual”. Se buscar um profissional, pode ser considerada fraca e desqualificada para o ministério. Logo, é preciso uma solução que, em minha opinião, seria alcançada com um processo de mentoreamento contínuo.

### **Que conselhos o senhor dá a pastores que estejam enfrentando dificuldades no contexto familiar?**

Em primeiro lugar, não se demore em buscar ajuda, pois, quanto mais o tempo passa, pior o problema fica. Em segundo lugar, não tente espiritualizar o problema jogando a culpa no diabo. Reconheça sua humanidade e suas fraquezas. Tenha em mente que Deus conhece todas elas e ainda assim viu em você e em sua família algo de especial, pois os chamou

para o ministério. Lembre-se de que ter fragilidades não significa ser desqualificado para o ministério. Por último, esteja disposto a tirar tempo para um diálogo aberto e honesto com todos os membros da família nuclear, reconhecendo as responsabilidades de cada um no processo e não colocando todo o peso sobre apenas uma pessoa da família. Quando um casal ou uma família não separa tempo para um diálogo desarmado e fecundo, os problemas se potencializam. Veja o exemplo de Davi, que não conversou com os filhos quando Amnom estuprou Tamar. Isso despertou a ira em Absalão que, dois anos depois, assassinou Amnom. Por causa do silêncio de Davi, anos mais tarde Absalão se rebelou e acabou sendo morto. O rei poderia ter evitado a morte de dois filhos se tivesse tirado tempo para dialogar em família. Entretanto, ele deixou que suas ocupações estivessem acima do diálogo familiar, e isso foi a porta de entrada para a tragédia no lar de um homem com coração pastoral. **M**



**RELACIONAMENTO FAMILIAR**  
Augusto César Maia Santos

Este livro foi escrito para pessoas comuns, mas corajosas. Pessoas que não temem olhar-se no espelho – um espelho que mostra qualidades e imperfeições internas, defeitos e virtudes de caráter, e os estragos que porventura foram criados em nossa mente no relacionamento familiar. Você vai descobrir também que há maneiras de superar os problemas passados e experimentar o caminho da renovação. Vale a pena trilhar esse caminho sabendo que o amor é um princípio de ação.

0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

MKT/CPB



Geniterra do autor

# Uma vida incomum

**A** dinâmica da vida ministerial apresenta constantes desafios de natureza física, emocional e espiritual para o pastor e sua esposa. Além do cuidado das igrejas, o ministro pode atuar também em outras áreas. Pode ser um administrador, diretor de departamento, professor, capelão, editor, escritor ou comunicador.

Pesquisas realizadas durante os últimos anos ajudaram a identificar mais apropriadamente o perfil do ministro cristão. Um estudo realizado com 1.050 pastores de diversas denominações em Orange County e Pasadena, Estados Unidos, revelou que 26% deles tinham hábitos devocionais regulares e 23% eram realizados em seu ministério. Por outro lado, 90% deles informaram que se sentiam constantemente fatigados; 89% disseram que pelo menos uma vez na vida pensaram em deixar o ministério; 57% mencionaram que deixariam o ministério se tivessem uma proposta melhor de trabalho e 71% declararam que estavam esgotados e lutavam contra a depressão.<sup>1</sup>

Uma pesquisa feita com pastores adventistas mostrou índices mais encorajadores: dos 172 entrevistados, 94% disseram que se sentiam felizes no pastorado e 82% declararam que tinham convicção de que a vontade de Deus é que o casal pastoral atue junto no ministério. No entanto, o levantamento também revelou alguns pontos preocupantes: 58%, por vezes, sentiam-se isolados no ministério e 28% admitiram que pensaram em deixar o pastorado.<sup>2</sup>

## A esposa do pastor

Geralmente, os membros da igreja esperam que a esposa do pastor seja hospitaleira, visite os enfermos e auxilie no Ministério Infantil, entre outras atividades. Se ela tem habilidades musicais, que toque piano ou outro instrumento.<sup>3</sup> Ou ainda, que ela prepare o boletim da igreja, ministre estudos bíblicos, além de cuidar da casa e dos filhos!<sup>4</sup>

Alguns estudos, como o que foi conduzido por Kilcher, Dudley, Cummings e Clark, com 157 esposas de pastores adventistas, revelou alguns dados interessantes: 94% relataram que o marido as consultava sobre a aceitação ou não de um chamado; 85% disseram que se sentiam felizes por ser esposa de pastor; 82% achavam que desempenhavam bem seu papel de esposa de pastor. O estudo também descobriu aspectos negativos: 72% estavam insatisfeitas pelo fato de o marido não ter tempo suficiente para a família; 67% se sentiam sós no ministério; 58% estavam insatisfeitas pelo fato de o marido colocar como prioridade os interesses dos outros em vez dos interesses da família e 21% confessaram que, por vezes, prefeririam que seus maridos deixassem o ministério.<sup>5</sup>

## Os desafios cotidianos do casal pastoral

Esposas de pastor também não estão livres de estresse e esgotamento. As principais causas são: (1) carência de atendimento pastoral, pois a esposa do pastor não tem a quem recorrer quando tem problemas pessoais; (2) falta de apoio, no sentido de não poder compartilhar confidências; (3) mudanças frequentes; e (4) questões financeiras e a necessidade de trabalhar fora de casa.<sup>6</sup>

### Diagnóstico

Os pastores têm um volume de trabalho grande e variado para realizar cotidianamente. Suas múltiplas atividades ocupam praticamente todo seu tempo, com o preparo de sermões, reuniões, visitação, cerimônias, questões administrativas, reforma e construção de igrejas. Isso sem falar na responsabilidade de pregar o evangelho ao mundo. Na verdade, ele sabe muito bem que sua obra nunca termina.

Tanto a experiência quanto os dados apontados pelas pesquisas indicam claramente que ser pastor é conviver frequentemente com a pressão. Na lista das profissões mais estressantes, o líder religioso ocupa a décima posição. Quais seriam as causas? O pastor não tem uma rotina regular, pois, a qualquer momento, pode receber um chamado para atender alguém enfermo, ministrar aconselhamento, confortar uma família que perdeu um ente querido ou resolver situações variadas. Além disso, sua preocupação em levar conforto ao próximo, não raras vezes, o priva de seu justo descanso.<sup>7</sup>

“O sistema de oito horas não encontra lugar no programa do ministro de Deus. Ele deve se manter de prontidão a qualquer hora.”<sup>8</sup> A maioria tem consciência dessa realidade e se esforça para cumpri-la de boa vontade. Entretanto, a falta de limites bem estabelecidos na administração do seu tempo contribui para gerar estresse.

A principal reclamação das esposas de pastor, como apontada pela pesquisa, é que o marido não tem tempo suficiente para a família. Trabalho incessante, sem pausa para repouso ou exercício físico, pode conduzir o ministro à ansiedade, à depressão e ao desespero. Um estilo de vida desequilibrado ou um estresse não superado podem ser válvulas de escape para a tensão elevada.<sup>9</sup>

Infelizmente, a dedicação “extrema” ao trabalho tem sido uma das causas principais do elevado índice de divórcios entre pastores. “Tenho sido um *workaholic* no meu ministério e isso me custou a família. Recentemente, minha esposa pediu o divórcio, levando nossos filhos com ela. Hoje minha vida é solitária e vazia”;<sup>10</sup> lamentou um pastor.

A pesquisa de H. B. London, Jr. e Neil B. Wiseman com 4.400 clérigos de 10 denominações cristãs apontou que 13% dos pastores haviam se divorciado.<sup>11</sup> Por sua vez, o estudo feito pelo Instituto Francis A. Schaeffer com 1.050 pastores indicou que 38% disseram estar divorciados ou em processo de divórcio, e 30% declararam que haviam se envolvido em relacionamento extraconjugal ou tiveram pelo menos um encontro sexual com uma pessoa de seu rebanho.<sup>12</sup>

Evidentemente, as quedas morais dos pastores, como das demais pessoas, têm sua origem em nossa natureza pecaminosa, “cada um é tentado pela sua própria coíça, quando esta o atrai e seduz” (Tg 1:14).<sup>13</sup> Contudo, o estresse pastoral contribui consideravelmente para elevar o índice de adultérios e divórcios.

## Remédio

Pastor e esposa são fortes candidatos ao estresse. Ambos precisam de sabedoria do Alto para vencer seus desafios. Em primeiro lugar, é preciso estabelecer sua ordem de prioridades: Deus, família e igreja.<sup>14</sup>

Cristo também teve que lidar com situações estressantes durante Seu ministério terrestre. No entanto, “ao anoitecer, ou bem cedo de manhã, retirava-Se para o santuário das montanhas em busca de comunhão com o Pai”;<sup>15</sup> O casal pastoral precisa desenvolver comunhão diária com Deus. Isso deve ser uma prática constante. É um dos principais recursos contra o estresse.

O casal pastoral também precisa estar alerta contra o esgotamento mental. Um dos grandes vilões que contribui para isso é a “dedicação exagerada” ao trabalho. Ellen White exortou os pastores a estar sempre prontos a servir, porém aconselhou um ministro a exercer controle sobre seu trabalho: “Insisto com você para que não trabalhe demais. Deve realizar menos trabalho constante e árduo, a fim de que possa se manter em repouso. Deve fazer uma sesta durante o dia. [...] Vá para onde o Senhor o dirigir, fazendo o que Ele ordenar. [...] Mas não se requer do irmão, nem de mim, estar em esforço contínuo.”<sup>16</sup>

A utilização equilibrada dos oito remédios naturais, concedidos pelo Criador, é fundamental: “Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime alimentar conveniente, uso de água e confiança no poder divino.”<sup>17</sup>

O pastor e a esposa devem também administrar seu tempo determinando o que é (1) urgente e importante; (2) o que é urgente, mas não importante; (3) o que não é urgente, mas importante; e por fim, (4) o que não é urgente, tampouco importante.<sup>18</sup>

Os ministros precisam dedicar tempo de qualidade à sua família. No dia a dia, a prática do culto familiar, além de expressar o reconhecimento de que o Criador nos mantém e nos redime, ajuda a unir e fortalecer a

família. A folga semanal, o período de férias, desfrutados com a família, contribuem para estreitar os vínculos familiares. Sobretudo, o casal pastoral precisa renovar constantemente seu compromisso de amor e fidelidade feito no dia do casamento.

Finalmente, pastor e esposa devem se conscientizar de que, para ser mais feliz, é preciso tomar decisões e aplicá-las nas áreas de convívio físico, intelectual, emocional e espiritual. **W**

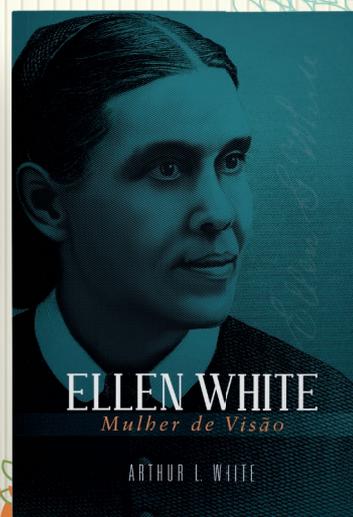
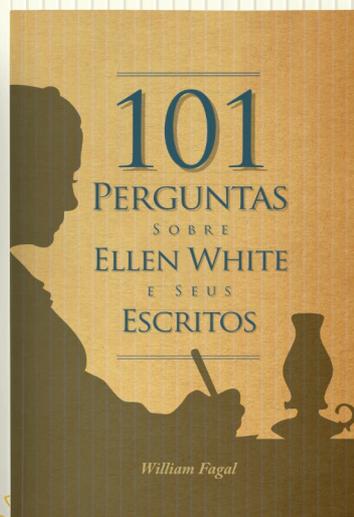
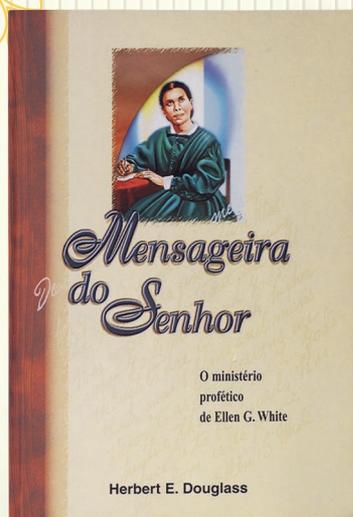
## Referências

- <sup>1</sup> Richard J. Krejcir, *Statistics on Pastors* (2007), <intothyword.org>, acesso em 6/4/2016.
- <sup>2</sup> Roger L. Dudley, Des Cummings, Jr., e Greg Clark, “Morale in ministry: A study of the pastor as a person”, *Ministry*, dezembro de 1981, p. 6.
- <sup>3</sup> Tabitha Abel-Cooper, “The changing role of the pastor’s wife”, *Ministry*, novembro de 1990, p. 21.
- <sup>4</sup> Karen Nuessle, “Five faces of the minister’s wives”, *Ministry*, abril de 1984, p. 28.
- <sup>5</sup> Carole L. Kilcher, Roger L. Dudley, Des Cummings, Jr., Greg Clark, “Morale in ministry: A study of the pastor’s wife as a person”, *Ministry*, fevereiro de 1982, p. 23-24.
- <sup>6</sup> Madeline S. Johnston, “Burnout in clergy families”, *Ministry*, junho de 1986, p. 25.
- <sup>7</sup> “Lista das profissões mais estressantes”, <saude.terra.com.br>, acesso em 6/4/2016.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, <egwwritings.org>, p. 451.
- <sup>9</sup> James R. Kilmer, “Stop the burnout, enjoy the ministry”, *Ministry*, junho de 1996, p. 19.
- <sup>10</sup> H. B. London, Jr. e Neil B. Wiseman, *Pastors at Greater Risk* (Ventura, CA: Regal Books, 2003), p. 90.
- <sup>11</sup> *Ibid.*, p. 86.
- <sup>12</sup> Richard J. Krejcir, <intothyword.org>, acesso em 6/4/2016.
- <sup>13</sup> Salvo indicação contrária, todas as referências neste artigo são da versão Almeida Revista e Atualizada (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993).
- <sup>14</sup> Joan Martin, “Lessons from my pastor’s”, *Ministry*, maio de 1990, p. 19.
- <sup>15</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, <egwwritings.org>, p. 55.
- <sup>16</sup> Ellen G. White, *Conselhos aos Idosos*, <egwwritings.org>, p. 125.
- <sup>17</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, <egwwritings.org>, p. 127.
- <sup>18</sup> Ver, Stephen R. Covey, *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes* (São Paulo: Editora Best Seller, 1989), p. 165.

# QUEM FOI ELLEN G. WHITE?

Foi uma pessoa de notáveis talentos espirituais, que viveu a maior parte de sua vida durante o século 19 (1827-1915). Por meio de seus escritos, ela continua exercendo um extraordinário impacto em milhões de pessoas ao redor do mundo.

Conheça mais sobre sua vida e obra com estas três indicações da Casa Publicadora Brasileira



0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908,  
e entraremos em contato com você.



[/casapublicadora](https://www.facebook.com/casapublicadora)

**Claudia Bruscin**  
Doutora em Psicologia Clínica,  
reside em São Paulo



Gentileza da autora

# Pais e **filhos**

Uma reflexão a respeito  
da paternidade pastoral



**D**e acordo com a versão Almeida Revista e Atualizada, a palavra *pai* ocorre 1.606 vezes nas Escrituras. Não é sem razão que o termo aparece tanto na Bíblia. Deus propositadamente planejou a paternidade humana para ser uma ilustração de seu relacionamento conosco. Ao criar a família e a paternidade, o Senhor pretendia que pudéssemos compreender melhor quem Ele é. Longe de ser algo arbitrário ou sem importância, identificá-Lo como Pai tem um significado especial.

Nosso relacionamento com Deus e nossa capacidade de nos sentirmos dignos de Seu amor dependem muito da nossa maneira de entender Sua paternidade. Se enxergamos Deus como Pai amoroso, sábio e atencioso, então seremos capazes de confiar nEle, mesmo quando não compreendemos o que Ele está fazendo em nossa vida. Por outro lado, se nós O vemos com desconfiança ou indiferença, então, será muito difícil nos relacionarmos com Ele. E isso tem relação direta com nossa maneira de nos relacionarmos com nosso pai terrestre.

Muitos de nós provavelmente tenhamos crescido com pais que não foram aquilo que gostaríamos que fossem. Pais frios, distantes, autoritários, cheios de raiva, críticos e controladores. Pais que foram alcoólatras, depressivos ou fisicamente abusivos. Pais cujas lutas internas os consumiam tanto que não tinham forças para cuidar das necessidades dos filhos. Certamente, tais condições comprometeram a habilidade dos filhos em confiar em Deus como Pai celestial. Até o melhor dos homens, com a melhor das intenções, não consegue ser o pai ideal. Fracassamos muitas vezes em ser aquilo que o Senhor gostaria que fôssemos. Agimos de modo egoísta e pecador. Falhamos em amar nossos filhos como Deus nos ama.

Como é, então, ser filho de pastor, um representante de Deus na Terra? Alguém que se dedica 24 horas por dia a ganhar pessoas para o Céu? Alguém que sabe explicar as Escrituras Sagradas e que, semanalmente, assume um lugar público para falar em nome do Senhor?

Ser pastor é muito desgastante e as exigências do ofício trazem lutas singulares à sua família. Sua esposa carrega um grande fardo. Contudo, geralmente se sente chamada para o ministério também. Algumas aceitaram casar-se com um ministro sabendo o que iam encontrar pela frente. Por outro lado, os filhos do pastor não pediram para nascer numa família pastoral; de fato, uma família bem diferente das outras existentes na comunidade.

## Uma vida diferente

Muitas vezes, o filho de pastor recebe cobranças e exigências que lhe são muito pesadas. Ele vive em uma condição diferente. O tempo todo divide seu pai com muitos membros e igrejas, que parecem ser sempre mais importantes ou ter questões mais urgentes a tratar do que ele. Ser filho de pastor é ter um pai admirado e elogiado na igreja, e saber que, muitas vezes, em sua convivência familiar, ele é bem diferente, nas maneiras, nas palavras e no tom de voz.

Ao contrário de outras famílias, os filhos de pastor costumam ter um pai que trabalha meio período em casa, e que não está disponível para eles. Boa parte desse tempo, o ministro fica em seu escritório pesquisando, estudando, preparando sermões e palestras. Seu celular toca e recebe mensagens o tempo todo. Em algumas ocasiões, inesperadamente, o pastor precisa sair para ajudar alguém ou resolver algum problema urgente do distrito. Com essa dinâmica, o filho de pastor se acostuma a “viver” na igreja. O difícil é quando o pai fica tão mergulhado em sua missão que passa a tratar os filhos como membros de sua congregação, e não como seus filhos!

Filhos de pastor experimentam frequentemente a pressão das expectativas colocadas sobre eles, seja pela igreja ou pelos próprios pais. O casal pastoral espera que os filhos sejam exemplares e transmitam a imagem de que são uma família feliz. Essa imposição de ser “bons filhos, bons exemplos, bons cristãos e bons alunos” gera sentimentos de isolamento e conflitos internos. Como consequência, em diversos casos, eles acabam ficando confusos sobre quem são ou quem podem ser realmente.

Em decorrência dessas situações, não é de admirar que, na adolescência ou na vida adulta, alguns filhos de pastor se rebelem ou reajam negativamente ao que viveram em casa. Vários autores sugerem que existe uma “síndrome do filho do pastor”! Isso significa que alguns filhos, quando adultos, vão rejeitar a religião e/ou a igreja a que o pai pertence. É importante dizer que, em muitos casos, eles seguem os passos paternos, como ocorreu com os filhos de Martin Luther King e Billy Graham, que se tornaram pastores.

A vida de um filho de pastor é marcada por uma dinâmica social diferente daquela vivenciada por crianças da sua idade. Ele participa de estudos bíblicos, palestras e reuniões administrativas desde pequeno. Além disso, envolve-se em várias atividades sociais,

sempre com os membros do distrito de seu pai: piqueniques, acampamentos, clubes de desbravadores, conjuntos, corais, aniversários, casamento e até mesmo funerais. Tem a oportunidade de visitar lares diferentes e, às vezes, sua casa fica aberta aos membros que fazem dela uma extensão do próprio lar. No entanto, tudo isso sem ter escolha: tem que ir, tem que participar, tem que sorrir e ser bem-educado!

Em virtude das frequentes mudanças, alguns filhos de pastor podem fazer amizade com mais facilidade. Afinal, estão sempre conhecendo pessoas novas. Outros, porém, podem ter muita dificuldade em fazer amigos, porque sempre precisam recomeçar do zero, temendo logo perdê-los. Por falar em mudanças, esse é outro desafio: começar de novo em uma nova igreja e uma nova escola, sem conhecer ninguém e sendo conhecido por todos: “aquele é o filho do pastor”.

Por fim, ser filho de pastor pode significar não ter uma identidade própria, sendo apenas reconhecido como “o filho do pastor”. É ser tratado pelas igrejas como uma extensão de seu pai: precisa pregar, cantar, abrir e fechar as portas, acender e apagar as luzes, operar o som, cuidar das crianças pequenas e participar ativamente da Escola Sabatina.

## Influências da paternidade

Muitos pastores não se dão conta das dificuldades pelas quais seus filhos passam. Nessa posição, entendem que assim como foram chamados para servir a Deus no ministério, seus filhos naturalmente vão aceitar e assumir essa vocação também. Alguns consideram que esse seja o sacrifício a que seus filhos devem se submeter para ajudar a apressar a vinda de Jesus. Existem também aqueles que percebem o sofrimento e as dúvidas dos filhos e até os acolhem, mas em casa, não em público. Para esses, tais situações difíceis ajudam a forjar o caráter e a tornar os filhos mais resilientes.

É necessário olhar com mais profundidade para a situação e o sofrimento desses filhos. Lamentavelmente, em certas situações, eles ficam expostos à maldade dos que nutrem sentimentos negativos em relação ao pastor. Há casos em que eles sofrem calados a discriminação e os ataques covardes de membros descontentes, para não prejudicar o trabalho do pai.

Alguém pode se perguntar: “Os filhos de outros profissionais de influência também sofrem discriminação e *bullying*. Por que com os filhos de pastor seria diferente?” Por um simples fato: o ministério do pastor está a serviço de Deus. Muitos filhos de pastor se sentem feridos quando existem problemas entre membros da igreja e seus pais. Eles percebem o modo pelo qual as pessoas os tratam e concluem que essa “religião” evidenciada não pode ser verdadeira. Especialmente na adolescência, os filhos enxergam a hipocrisia e começam a questionar a fé. É nesse ponto que os problemas de trabalho do pai, diferentemente de outras profissões, podem prejudicar o relacionamento dos filhos com Deus.

A família ministerial não vive uma vida fácil. De modo geral, o ministro busca viver sua vocação atingindo os objetivos propostos por sua denominação e suas diferentes igrejas. Alguns pensam que os filhos estejam suficientemente atendidos pelos cuidados da mãe e de uma boa educação cristã. Desse modo, sentem-se livres para mergulhar em seu trabalho, que está relacionado com a obra do Senhor. Tendo essas considerações em perspectiva, e voltando ao argumento inicial deste artigo, qual é a imagem de Deus que o filho de pastor está formando? Que modelo de homem, o pai-pastor está oferecendo?

Segundo a Associação Americana de Psicologia, as memórias de uma convivência satisfatória com o pai durante a infância estão diretamente relacionadas com a capacidade de enfrentar o estresse do dia a dia. Essa pesquisa indica que o pai

desempenha um papel fundamental na saúde mental dos filhos, e isso é visível na idade adulta. Os homens que relataram ter mantido um bom relacionamento com o pai durante a infância tendem a ser menos impulsivos em sua maneira de reagir aos eventos estressantes do cotidiano do que aqueles que relataram relacionamentos menos significativos.<sup>2</sup>

Raeburn cita uma série de estudos que ligam o envolvimento paterno ao desenvolvimento intelectual, emocional e social das crianças. Os filhos que se sentem amados e nutridos pelo pai têm a autoestima comparativamente mais alta e menores riscos de desenvolver problemas mentais ao longo da vida. Meninas que crescem na presença de um pai amável e que as apoiam, tendem a iniciar a puberdade mais tarde e são menos inclinadas a comportamentos sexuais arriscados, se comparadas às filhas de pais ausentes, ou com relacionamentos distantes.<sup>3</sup>

As consequências da ausência da figura paterna ou de uma relação insalubre entre pai e filho podem levar a dificuldades de adaptação às regras sociais, bem como a problemas nas relações interpessoais e de identificação sexual. Filhos de pastor precisam da presença e assistência do pai durante seu desenvolvimento. Eles precisam de um *pai*, não de um pastor nem de um pai-pastor.

Mesmo que você não tenha tido uma boa referência paterna em sua vida, é possível olhar para trás e encontrar figuras masculinas que preencheram aspectos da paternidade que não foram vivenciados com seu próprio pai. Pense em pessoas que podem ter sido modelos para você. Um avô, o pai de algum amigo, o irmão mais velho, um líder da igreja ou um empregador. Muitos ministros escolheram essa ocupação influenciados por algum pastor que marcou sua vida. Essas figuras masculinas podem servir como referência do que é ser um bom pai, a fim de que você avalie sua paternidade bem como sua relação com o Pai celestial.

## Paternidade na prática

Alguns pontos importantes sobre a relação pastor e filhos merecem reflexão:

**Um pai, não um pastor:** Sem anular o fato de que o pai é o sacerdote do lar, os filhos querem um pai que brinque com eles, que os proteja, que os faça rir, que ame sua mãe, abrace, dê atenção, ensine a trocar uma lâmpada, fazer uma comida gostosa ou a manutenção do carro. De que adianta o pastor ter participado da conversão de centenas de pessoas, se ele não tiver sido um pai para seus filhos? Além disso, que modelo de pai os filhos levarão adiante se o pastor for mais ausente do que presente?

**Conversas, não sermões:** Sermões podem ser ótimos para compartilhar conceitos bíblicos com a igreja, mas não são efetivos para se comunicar com os filhos. Preguar aos filhos o tempo todo vai confundir a compreensão deles acerca das Escrituras e favorecer uma opinião negativa das orientações bíblicas. É fundamental conversar sobre a vida de formas interessantes, que abram a mente e estimulem novas descobertas. É no “bate papo” que as pessoas se conhecem mais profundamente. Esses diálogos devem ocorrer sempre, desde que os filhos são bebês. Aliás, eles precisam reconhecer a voz do pai sem o microfone!

**Tenha interesse no que lhes interessa:** Pode ser que você não goste dos vários personagens de TV, das séries ou dos cantores populares com os quais seus filhos têm contato e com quem se identificam; mas, você sabe quem são eles? Você já foi assistir a um jogo de futebol ou uma aula de natação de seus filhos? Você participa do lazer deles? Quando você se interessa e se envolve com o que eles gostam, demonstra que os ama e que se importa com eles.

**Conheça-os:** Conforme os filhos crescem, parece que fica mais difícil passar

tempo com eles. A convivência com adolescentes e jovens adultos inseridos em um mundo contemporâneo às vezes tem gerado pontos de tensão em casa. Conheça seus filhos, não seja crítico em demasia e não exagere nas cobranças. O que eles pensam? O que planejam para o futuro? Você já saiu sozinho com seu filho para tomar um lanche? Já foi ao *shopping* passear com sua filha? Já aproveitou uma segunda-feira para assistir com seus filhos a algum

**As consequências da ausência da figura paterna ou de uma relação insalubre entre pai e filho podem levar a dificuldades de adaptação às regras sociais, bem como a problemas nas relações interpessoais e de identificação sexual. Filhos de pastor precisam da presença e assistência do pai durante seu desenvolvimento.**

filme escolhido por eles? Muitas vezes eles não querem só lazer, querem estar próximos, conversar sobre amigos, aulas de matemática e, quem sabe, até sobre assuntos sentimentais.

**Coerência:** Ninguém o chamará de hipócrita mais rápido do que seus filhos ou sua esposa. Preguar sobre amor e graça depois de ter passado a semana toda brigando com a família e maldizendo os líderes da igreja vai parecer o quê para seu filho sentado no último banco da igreja? Para sua família,

sua interação com Deus e com Sua obra fala muito mais alto do que qualquer sermão.

**Graça para falhar:** Ninguém é perfeito. Muitos pastores cobram altos níveis de perfeição de seus filhos. Entendo que desejem o melhor para eles, mas essa pressão gera mais ressentimento e raiva do que motivação. Todos nós erramos, somos pecadores, temos dúvidas e inseguranças. À semelhança da parábola do filho pródigo, será que os filhos podem sair de casa, voltar e ainda assim serem recebidos pelo pastor?

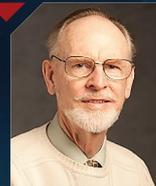
Estamos próximos da vinda de Jesus, e Satanás assedia violentamente as famílias pastorais. Quando os filhos de pastor sabem que seu tempo com o pai é uma prioridade, isso supera todas as outras dificuldades, e é significativo o sentimento de segurança que eles desenvolvem. Os membros da igreja também devem se lembrar de que ajudar o pastor a cuidar de sua família será de grande benefício para a própria congregação, pois, um ministro que está em paz no lar, servirá de modo mais eficaz e feliz. **M**

### Referências

<sup>1</sup> R. Dunham, “Pastor’s kids syndrome”, *Enrichment Journal*, <enrichmentjournal.ag.org>, acesso em 25/4/2016; J. E. Norrell, “Clergy family satisfaction”, *Family Science Review*, <familyscienceassociation.org>, acesso em 18/4/2016; C. Ranginha e C. Bruscin, “Compreendendo os significados das expectativas familiares para jovens filhos de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia” (monografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dezembro de 2015).

<sup>2</sup> American Psychological Association, “Childhood memories of father have lasting impact on men’s ability to handle stress”, <apa.org>, acesso em 25/4/2016.

<sup>3</sup> P. Raeburn, “How dads influence teens’ happiness”, *Scientific American*, <scientificamerican.com>, acesso em 25/4/2016; B. J. Ellis et al., “Does father absence place daughters at special risk for early sexual activity and teenage pregnancy?” *Child Development*, <ncbi.nlm.nih.gov>, acesso em 25/4/2016; M. Regnerus e L. B. Luchies, “The parent-child relationship and opportunities for adolescents’ first sex”, *Journal of Family Issues*, <jfi.sagepub.com>, acesso em 25/4/2016.



# Sob controle

Como administrar o estresse e maximizar o bem-estar na família pastoral

**E**m seu livro *The Hidden Link Between Adrenalin & Stress*, Archibald Hart descreve, com detalhes surpreendentes, os efeitos fisiológicos negativos e prejudiciais de uma experiência religiosa quando ela implica um nível “alto”<sup>1</sup> de adrenalina, inclusive, quando semelhante condição é promovida por alguma prática espiritual legítima.<sup>2</sup>

Há o estresse agudo, crônico e a vulnerabilidade individual ao estresse. Além disso, existe a susceptibilidade da família ao estresse. Assim, mais do que apenas sobreviver, pastores e suas famílias precisam encontrar maneiras de ser bem-sucedidos, apesar da exposição inevitável a essas várias formas de estresse. O propósito deste artigo é refletir sobre métodos pelos quais podemos aprender a lidar com a dura realidade do estresse no contexto familiar.

## A analogia da viga

Como o ar, o estresse está em toda parte. Está ao *redor* e *dentro* de nós também. Não podemos vê-lo nem tocá-lo, mas ele pode nos esmagar. Como o oceano, o estresse flui e reflui. Em certos momentos, mal conseguimos perceber seu poder. Em outros, ele se assemelha a uma tempestade que ameaça nos engolir. O estresse é uma força que pode destruir pessoas e minar famílias.

Os estudiosos podem discordar acerca de uma definição precisa dessa condição. Entretanto, há certo consenso de como ela ocorre. Por exemplo, os engenheiros sabem da importância de conhecer quanto peso uma viga de aço é capaz de suportar. Para ter essa informação, a viga é testada por meio do aumento gradativo de pressão,

até que ela se rompa. Então, calculando a margem de segurança e garantindo que as peças não sejam carregadas muito próximo do ponto de ruptura, elas podem servir à sua finalidade, sem perigo de colapso.

Não podemos medir tão facilmente a tolerância das pessoas ao estresse. Obviamente, não é correto lançar sobre elas responsabilidades cada vez maiores até que tropecem e caiam, só para ver quanto podem suportar. Contudo, há uma forma indireta de estimar o peso relativo dos vários fatores de estresse. A respeitada escala de Holmes e Rahe<sup>3</sup> identifica 43 situações estressantes da vida que, combinadas, podem sobrecarregar alguém ao ponto de resultar em provável doença física.<sup>4</sup>

Nem todos entrarão em colapso quando submetidos aos mesmos eventos



Jakub Jirsák / Fotolia

estressantes. Assim como existem diferenças quanto à força física, as pessoas diferem em termos de quão resilientes ou resistentes elas são ao estresse. Em diferentes períodos da vida, até a pessoa mais forte pode enfrentar momentos de maior vulnerabilidade. No entanto, eventos como a morte de um ente querido, doença grave ou acidente provavelmente vão testar os recursos de enfrentamento da maioria das pessoas.

Além disso, uma viga de aço pode suportar grande peso por longo período sem enfraquecer. Entretanto, se ela estiver exposta a frequentes variações de pressão ou até mesmo a uma carga mais leve, conforme o passar do tempo, isso pode gerar fadiga no material, tornando-o instável. De idêntica maneira, a força de uma pessoa

não pode ser mensurada por meio da forma vigorosa com que ela lidou com uma grande emergência. O que importa, de fato, é a capacidade que ela tem de enfrentar os efeitos negativos das crises esporádicas que lhe acontecem e também os efeitos cumulativos do desgaste diário.

Portanto, quando falamos sobre gerenciamento do estresse pastoral, nós nos referimos ao peso das cargas ocasionais excessivas, à exposição contínua a intensas pressões diárias e ao grau de vulnerabilidade do pastor e de cada membro de sua família ao estresse.

### **Preparo para as crises**

Prever com exatidão quando vamos ser confrontados com problemas pessoais é quase impossível, mas há algumas coisas

que podemos fazer para nos preparar para esses desafios.

Primeiramente, temos que encarar os fatos. Posso pensar: “Sou um bom motorista, sem nenhuma ocorrência em minha habilitação. Acidentes acontecem apenas com as outras pessoas.” Ou: “Estou seguro em meu trabalho e confiante de que nada vai mudar.” E ainda: “Quando você cuidar de sua saúde assim como eu, não terá qualquer doença grave.” Entretanto, a realidade é que mesmo as pessoas mais organizadas e zelosas podem passar por circunstâncias ruins. Portanto, temos que estar preparados para qualquer eventualidade.

Algumas atitudes simples incluem saber como agir em caso de incêndio em casa, manter documentos importantes em um cofre ou carregar números de telefone de

emergência em sua carteira. Com essas e outras medidas de emergência personalizadas, o impacto das situações estressantes será moderado para as pessoas e as famílias.

O pastor sempre tem mais trabalho a fazer do que horas em seu dia. Isso exige disciplina. Evidentemente, o agendamento é essencial e, embora existam certos compromissos fixos, os eventos da semana não devem ser rigidamente fechados, de tal maneira que uma circunstância inesperada venha a dismantelar todos os planos cuidadosamente definidos.

Em seguida, precisamos aprender a priorizar as atividades. No fim da semana, o pastor deve se alegrar pelo fato de ter cumprido os itens mais importantes de sua lista de tarefas. Considere esse elemento como algo essencial a fim de se manter em equilíbrio.

Os benefícios de se atender a todos os compromissos importantes durante a semana, porém, serão perdidos se o pastor reagir a qualquer imprevisto que surgir no caminho. Geralmente, os itens de maior prioridade são frequentemente substituídos por questões de menor importância que demandam ação instantânea.

Por isso, é fundamental exercitar a terceira disciplina. É uma questão de integridade dizer *não* quando responder *sim* significa anular compromissos feitos anteriormente. Algumas pessoas querem que você largue tudo para ajudá-las naquilo que consideram urgente, mas que, de fato, não se pode chamar de urgência real. O estresse momentâneo que você pode sentir ao dar uma série de recusas polidas, mas resolutas, a uma pessoa insistente, será compensado pela satisfação de saber que você não terá que “tirar de Pedro para dar a Paulo”.

Além disso, é necessário saber dizer *não* a algumas tarefas, quando a lista de itens a fazer é muito longa para o dia ou as prioridades estabelecidas são alteradas. Alguns pastores acharão simples resolver isso, escolhendo as atividades com base no que é

mais fácil de ser feito. Entretanto, é preciso dizer *sim* às tarefas mais importantes e, no fim do dia, *não* aos trabalhos incompletos e menos importantes. Nesse caso, é imprescindível valorizar o que você realizou e resistir à tentação de se entristecer por causa das tarefas inacabadas.

Por exemplo, você deve separar tempo para preparar seus sermões. Em média, isso pode tomar dez ou mais horas por semana. Se você gosta de viver no limite, pode começar a elaborar a mensagem um dia ou dois antes de apresentá-la. Contudo, imprevistos podem surgir, e isso pode comprometer seriamente seu tempo de estudo. A sensação de que o sermão não foi adequadamente preparado pode intensificar seu desconforto e aumentar seu estresse. Então, no início da semana, conclua as tarefas mais complexas, para que tenha tempo hábil a fim de preparar satisfatoriamente a mensagem.

Lidar com pessoas – a principal atividade do pastor – é muito desgastante, especialmente se vários membros difíceis parecem ter prazer em arrumar problemas. Adicione a isso o dilúvio interminável de e-mails, mensagens de WhatsApp, telefonemas (às vezes no meio da noite) e assuntos de comissão. Não é de admirar que muitos pastores sobrevivam apenas por viver na adrenalina!

## Reservas profundas

Além dos efeitos negativos imediatos do estresse provocado por pressões diárias, essa condição também resulta em consequências prejudiciais de longo prazo. Hans Selye descreve o que sua pesquisa revelou sobre “energia de adaptação”,<sup>5</sup> um recurso que nos ajuda a superar momentos difíceis. Alguns herdaram grande “fortuna” dessa energia para lidar com os estressores da vida, outros, uma quantidade menor. No entanto, a oferta é limitada para cada pessoa e não há como repor essa reserva. “O estágio de exaustão, depois de uma demanda temporária sobre o corpo, é reversível [pelo sono restaurador e férias],

mas a exaustão completa de todas as reservas de energia de adaptação não é. Uma vez que elas são exauridas, ocorrerá senilidade e, por fim, a morte.”<sup>6</sup>

Curiosamente, em 1890, 17 anos antes de Selye nascer, Ellen White escreveu: “Aqueles que fazem grandes esforços para realizar muito trabalho em determinado tempo, e continuam trabalhando quando seu juízo lhes diz que devem descansar, nunca lucrarão. Estão vivendo sobre capital emprestado. Estão desperdiçando a força vital de que precisarão em algum momento futuro. Quando a energia que eles têm usado de forma imprudente é exigida, eles falham por falta dela. A força física se foi, as faculdades mentais falham. [...] Seu tempo de necessidade chegou, mas seus recursos físicos estão esgotados. [...] Deus nos proveu de energia indispensável, que será necessária em diferentes períodos da vida. Se de forma imprudente esgotarmos essa energia pela exaustão contínua, teremos sofrido perdas em algum tempo [...] Nossa utilidade será diminuída, quando não, destruída nossa própria vida.”<sup>7</sup>

## Sensibilidade ao estresse

Isso leva a uma reflexão sobre a vulnerabilidade do pastor ao estresse. Obviamente, quanto mais susceptível for a pessoa, maior será a necessidade de tomar medidas de proteção.

Um bom ponto de partida seria descobrir a quantas crises de estresse você esteve exposto nos últimos 12 meses. É possível obter uma ideia disso preenchendo o teste da escala de Holmes e Rahe *online*.<sup>8</sup> Se descobrir que seu nível de estresse está elevado por causa de alguma situação extraordinária, como por exemplo uma crise financeira ou problema familiar, você precisará ter um cuidado especial para se proteger contra os efeitos adversos dessa condição.

Além de estar alerta para afastar o estresse desnecessário, você pode fortalecer sua resistência física, dando atenção

especial à sua saúde. Sono adequado, exercício físico, alimentação saudável e recreação revitalizante são essenciais.

Você também deve reconhecer que não é só o estresse externo que deve ser monitorado. Há emoções tóxicas que atormentam o espírito e exaurem as energias. “Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança, todos tendem a consumir as forças vitais, e a convidar a decadência e a morte. [...] Ânimo, esperança, fé, simpatia e amor promovem saúde e prolongam a vida. Um espírito contente, animoso, é saúde para o corpo e força para a alma”.<sup>9</sup>

Se você fizer uma contagem aproximada do número de pensamentos negativos e autocríticos que ocupam sua consciência por dia e comparar com a frequência de seus pensamentos edificantes e afirmativos, terá um bom indicador da quantidade de autoestresse imposto que pode ser reduzida por meio do pensar correto.

## Estresse familiar

Como o ministro, as famílias também podem experimentar estresse. Assim, é importante que seus membros aprendam a se proteger dos estressores prejudiciais. “O estresse de viver uns com os outros ainda representa uma das maiores causas de aflição”,<sup>10</sup> escreveu o pai da pesquisa sobre o assunto, Hans Selye.<sup>11</sup> Embora ele estivesse falando a respeito das interações humanas, assistentes sociais, terapeutas familiares e pastores podem testemunhar sobre os transtornos gerados quando as coisas dão errado nas famílias.

Ao procurar gerir o estresse na casa do pastor ou ao aconselhar pessoas para ajudá-las a lidar com as adversidades no lar, é necessário aumentar a consciência sobre o que provoca essa condição na família. De fato, escrever *o que* acontece e *quem* desencadeia os problemas pode concentrar a atenção acerca de quais mudanças precisam ser feitas.

Normalmente, o pastor achará que é contraproducente tentar mudar as pessoas. Elas certamente tentarão resistir. O que precisa de ajuste são as palavras e as ações. Tenha em mente que mudanças repentinas são difíceis. Mudanças graduais são mais fáceis. Então, pense em reduzir a frequência de certos comportamentos que provocam estresse e aumentar a ocorrência de palavras e atos que aliviem o estresse. Lembre-se sempre de celebrar as melhorias, ainda que pequenas.

Os conselheiros encontrarão problemas muito comuns em famílias que se envolvem em aborrecimentos simplesmente porque os membros são desprovidos de habilidades básicas de comunicação e resolução de problemas. Quando essas deficiências são corrigidas, os níveis gerais de estresse podem diminuir drasticamente.

Jovens famílias que nunca tiveram a oportunidade de aprender como viver bem no contexto familiar podem se beneficiar muito ao observar outras famílias lidando de maneira eficiente com o estresse. A sabedoria acumulada pelos casais mais idosos pode ser passada adiante, de modo que os desafios enfrentados pelos casais inexperientes podem ser mais controláveis.

A capacidade de seus membros para administrar sentimentos é fundamental para a harmonia familiar. Selye afirma: “Entre todas as emoções, aquelas que – mais do que quaisquer outras – contam para a ausência ou presença de estresse nas relações humanas são os sentimentos de gratidão e boa vontade e suas contrapartes negativas, ódio e desejo de vingança.”<sup>12</sup>

Traduzindo em termos religiosos, somos aconselhados a cultivar “a gratidão. Louvai a Deus pelo Seu admirável amor em ter dado Cristo para morrer por nós. Nada lucraremos em pensar em nossas mágoas. Deus nos convida a meditar na Sua misericórdia e no Seu amor incomparável, a fim de que sejamos inspirados com o louvor”.<sup>13</sup>

## Antídoto poderoso

Enquanto “o estresse de viver uns com os outros ainda representa uma das maiores causas de aflição”<sup>14</sup>, encontramos também a verdade de que “muitos estudos mostram que o principal fator de resiliência é contar com relacionamentos de apoio e cuidado dentro e fora da família. Relações que criam amor e confiança, fornecem modelos e oferecem incentivo e credibilidade ajudam a reforçar a capacidade de resistência de uma pessoa”.<sup>15</sup>

Os pastores estão estrategicamente posicionados para promover relacionamentos fortes e saudáveis e realizar o santo trabalho de trazer brilho e bênção<sup>16</sup> sobre suas próprias famílias e também sobre as famílias dos membros da igreja, que compõem a casa de Deus – caracterizada como tendo a paz “que excede todo o entendimento”. **M**

### Referências

<sup>1</sup> Archibald D. Hart, *The Hidden Link Between Adrenalin & Stress* (Waco, TX: Word Books, 1986), p. 32.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>3</sup> “Holmes and Rahe stress scale”, *Wikipedia*, <en.wikipedia.org>, acesso em 19/4/2016.

<sup>4</sup> “The Holmes and Rahe stress scale”, *Mind Tools*, <mindtools.com>, acesso em 19/4/2016.

<sup>5</sup> Hans Selye, *Stress Without Distress*, (London: Hodder and Stoughton, 1977), p. 22-24.

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> Ellen G. White, *Christian Temperance and Bible Hygiene*, <egwwritings.org>, p. 64, 65.

<sup>8</sup> Ver “The Holmes and Rahe stress scale”, *Mind Tools*.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, <egwwritings.org>, p. 241.

<sup>10</sup> Selye, *Stress Without Distress*, p. 46.

<sup>11</sup> “Hans Selye”, *Wikipedia*, <en.wikipedia.org>, acesso em 19/4/2016.

<sup>12</sup> Selye, *Stress Without Distress*, p. 48.

<sup>13</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, <egwwritings.org>, p. 479.

<sup>14</sup> Selye, *Stress Without Distress*, p. 48.

<sup>15</sup> American Psychological Association, “Resilience factors & strategies,” em *The Road to Resilience*, <apa.org>, acesso em 19/4/2016.

<sup>16</sup> Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 6, <egwwritings.org>, p. 190.



Daniel de Oliveira

# Armagedom

## a última batalha

**O exército vencedor vai compartilhar o governo do universo**

**P**or ocasião da sexta praga, “as águas do grande rio Eufrates” se secam a fim de preparar o caminho dos “reis que vêm do lado do nascimento do sol”. O profeta vê sair da boca do

dragão, da besta e do falso profeta “três espíritos imundos” que fazem sinais a fim de seduzir os “reis do mundo inteiro”, os quais se juntam no lugar chamado “Armagedom” (Ap 16:12-16).



Esse é um dos temas mais atrativos e bem elaborados do Apocalipse. João *entrelaça* ao relato do Armagedom diversos eventos, personagens e imagens do Antigo Testamento. Interpretá-lo é um desafio.

Hans LaRondelle reporta a visão adventista do Armagedom em quatro fases: (1) Desde 1844, o evento foi visto como uma batalha final entre Cristo e as forças de Satanás no segundo advento. (2) A partir dos anos 1870, passou a ser uma guerra política e militar entre as nações pelo domínio da Palestina. (3) Em 1900, tornou-se um conflito secular, centralizado na Palestina, entre Oriente e Ocidente. Por fim, (4) depois de 1950, foi retomada a visão dos pioneiros de uma batalha escatológica centrada na questão do sábado.<sup>1</sup>

No *Comentário Bíblico Adventista* sobressai o entendimento de que o ajuntamento das nações (Ap 16:16) seria um “processo gradativo” que ocorreria “antes das

pragas”. A batalha começa “quando os poderes religiosos e políticos da Terra” iniciam o “ataque final ao povo remanescente de Deus”.<sup>2</sup> Isso sugere que o decreto dominical desencadeia o Armagedom.

Intérpretes mais recentes, no entanto, dizem que a batalha começa não antes, mas depois das pragas. Ranko Stefanovic entende que Apocalipse 16:12 a 16 não revela o Armagedom, mas “a preparação e o grande ajuntamento dos poderes religiosos e políticos”. O confronto “ocorre após a sexta praga”.<sup>3</sup> Jon Paulien vê a queda da Babilônia como o desfecho da guerra. Contudo, diz: “A sexta praga em si mesma não é a batalha do Armagedom. Em vez disso, ela é o ajuntamento das forças para esse conflito.” Ele compreende que “a batalha é referida na sétima praga”.<sup>4</sup> Menos direto, Jacques Doukhan afirma que “a queda da Babilônia mística e a *batalha* que se segue preparam o caminho para a libertação final” dos santos.<sup>5</sup>

Essas análises recentes sugerem que, durante a sexta praga, sob influência dos “espíritos”, os ímpios se preparam para lutar contra Cristo e os santos. Assim, o clímax do Armagedom se daria na *parousia*, quando as forças ímpias serão finalmente derrotadas. De modo geral, o conflito é caracterizado como crítico para os santos, que são passivos na batalha vencida por Cristo.

Entretanto, embora Apocalipse 19 retrate o confronto entre “a besta e os reis da Terra” contra Cristo e Seu exército (v. 19), é difícil enxergar uma batalha dessas forças contra Deus após as seis primeiras pragas, as quais deixarão a Terra em completa devastação. No clímax do sexto selo, paralelo à sexta e sétima pragas (Ap 6:14; 16:20), os “reis da Terra” estarão aterrorizados em vez de preparados para uma luta (Ap 6:15; Is 2:10-12).

Alguns problemas emergem diante da visão de um Armagedom tardio, após a

## Vale de Jezreel



Asafeliason / Fotolia

sexta praga. Se essa praga prevê os “preparativos” dos ímpios para o confronto, então, em vez de serem punidos, os inimigos se organizam para lutar contra Deus. Se essa praga é mais uma “taça” da ira de Deus (Ap 16:12; Sl 75:8; Jr 25:15), qual seria seu efeito sobre os ímpios? Enfim, em que consiste a sexta praga e quando começa o Armagedom?

Neste artigo analiso a natureza da última batalha e o momento em que ela deve ocorrer. Para falar do Armagedom, é preciso identificar as guerras de Israel mencionadas por João e como elas nos ajudam a entendê-lo. Além disso, precisamos delimitar o contexto imediato do Armagedom e suas implicações. Com base nesses passos, também discutimos o papel dos santos e a condição dos ímpios no conflito final.

O estudo está apoiado no conceito de intertextualidade, segundo o qual um texto é incorporado ou aplicado a outro texto, ampliando o contexto interpretativo do tema. Intertextualidade pode ser definida como “o engaste de fragmentos, imagens e ecos de um texto dentro de outro”.<sup>6</sup> É a criação de um texto a partir de outro. Assemelha-se a fazer uma casa usando detalhes da planta de outra. Os antigos rabinos consideravam que a exegese intertextual se fundamentava na ideia de que “o texto contém um mistério comunicado por Deus que não é compreendido até que a solução seja dada por outro intérprete inspirado”.<sup>7</sup> A correta aplicação do conceito fortalece o princípio geral de que a Bíblia explica a si mesma. Paulien diz que “o propósito das alusões [intertextuais] é levar o leitor a considerar a passagem do Antigo Testamento em questão e aplicar seu significado ao Apocalipse”.<sup>8</sup>

De fato, o uso da imagem do secamento das águas do Eufrates e do “monte” de Megido indica que o significado da sexta praga, bem como do Armagedom, depende dos textos originais dessas imagens. Além disso, ao observar o contexto do confronto final, nota-se que há um “relacionamento estrutural do Armagedom (Ap 16)

com os capítulos anteriores e os seguintes”, o que indica que “o tema só pode ser entendido à luz do contexto imediato dos capítulos 12 a 19”.<sup>9</sup>

## O monte de Megido

O termo “Armagedom” quer dizer “monte de Megido”. João uniu a palavra hebraica *har* (“monte”) com a transliteração grega do nome Megido. Com isso, o profeta não mencionou um local específico, mas criou um conceito. É certo que ele tinha em mente a região do vale de Megido, cercado de montanhas.

Na história bíblica, não só Megido, mas todo o vale de Jezreel foi cenário de diversos conflitos. Ali, sob a liderança de Débora e Baraque, Israel venceu o exército de Sísera (Jz 4:14; 5:19); Elias derrotou os profetas de Baal no Carmelo (1Rs 18), o monte mais célebre da região; o rei Josias morreu na batalha contra o faraó Neco (2Rs 23:29); e a rainha Jezabel morreu na cidade de Jezreel (2Rs 9:30-37). Ao relatar as visões de Apocalipse 12 a 19, João retomou figuras, personagens e termos específicos de cada um desses eventos.

Primeiramente, ao descrever a *aliança* entre os “três espíritos” e os “reis da Terra” (Ap 16:14; 17:1, 2, 18), João fez alusão ao Salmo 83, que canta a vitória de Débora e Baraque (Jz 4:4–5:31). O salmista diz que os inimigos de Deus “se alvoçam” e “tramam astutamente” contra seu povo. Eles “tramam concordemente e firmam *aliança*” contra Deus (Sl 83:1-5, 9). O salmo retrata a batalha de Israel com uma linguagem profética que ecoa no Apocalipse: uma coalizão de infiéis erguendo-se contra os eleitos de Deus. A alusão implícita aos guerreiros Baraque e Gideão sugere um papel ativo dos santos na batalha final.

Além disso, o contexto do Armagedom retoma o confronto entre Elias e os profetas de Baal, no Carmelo. Ao comparar o relato de 1 Reis 18 e 19 e Apocalipse 12 a 19, temos os seguintes paralelos:

Monte Carmelo	Monte de Megido (Armagedom)
Yahweh x Baal	Trindade divina x trindade satânica
Elias	Remanescente
“Todo o Israel”	“Habitantes da Terra”
Elias “ajunta” o povo	Espíritos “ajuntam” os reis
Idolatria a Baal	Adoração à besta
Altar de Deus é restaurado	Verdade é restaurada na Terra
Jezabel controla Acabe	Meretriz domina a besta e os reis
Rei Jeú mata Jezabel	Os reis destroem a meretriz
Elias mata os profetas de Baal	Cristo lança os inimigos no lago de fogo.

A narrativa de Elias é como uma história de fundo para todo o relato de Apocalipse 12 a 19. Com base nesse evento, João previu a batalha do Armagedom como um confronto entre a verdadeira e a falsa religião. A alusão a Elias reforça o papel ativo dos santos, ao restaurarem a verdade na Terra.

Em terceiro lugar, a morte de Josias pelo faraó Neco, em 609 a.C., tornou o vale de Jezreel um lugar de “grande lamento” (2Cr 35:24, 25). João devia ter isso em mente ao usar seis vezes a palavra “pranto” (gr. *penthos*; Ap 18:7, 8, 11, 15, 19). A morte de Josias deu início ao fim de Judá. João usou o evento como um prenúncio de “grande lamento” por Babilônia (Ap 18:9-11, 19).

Esse “pranto” também faz alusão ao choro de Hadade-Rimom por seu primogênito (Zc 12:11) e, assim, relaciona o Armagedom com a décima praga do êxodo. Deus tinha advertido que haveria “grande clamor em toda a terra do Egito, como nunca houve”, porque “sobre todos os deuses do Egito” executaria “juízos” (Êx 11:6; 12:12). Nesse sentido, o Armagedom

lembra a décima praga, que provocou “a morte da religião” dos egípcios,<sup>10</sup> pois o primogênito era o sacerdote da família. LaRondelle diz que “o termo simbólico *Harmagedon*” pode ter o sentido literal de “monte da matança”.<sup>11</sup>

Assim, o tema do “lamento” sugere que o Armagedom será crítico para os ímpios, mais do que para os santos. O pranto dos perdidos será despertado na primeira praga e se intensificará até a sexta, com a queda da Babilônia, quando os deuses ou as religiões das nações serão “cortados” da Terra. Será o fim de qualquer esperança. Antes aliados, os “reis” vão aniquilar a “meretriz” Babilônia (Ap 17:16).

## A queda da Babilônia

Essa previsão de perda e lamentação por parte dos ímpios, no clímax do Armagedom, é indicada pela figura usada para descrever a sexta praga. João diz que a praga faz secar as “águas” do grande rio “Eufrates”. Ao contrário de “preparativos” para batalha, o símbolo bíblico de águas que se secam é indicativo da derrota dos ímpios e da vitória dos santos. Deus livrou os israelitas quando o Mar Vermelho se tornou em “terra seca” (Êx 14:21, 22), ocasião em que o faraó e seu exército sucumbiram ante o braço do Todo-Poderoso (Sl 74:13, 14). Isaías previu o fim do cativeiro babilônico afirmando que Deus, com “a força do seu vento”, moveria a mão contra o “Eufrates, ferindo-o” e dividindo-o (Is 11:15; 44:27). Assim, a secagem das águas prevê a derrota dos inimigos por ocasião da sexta praga.

O contexto deixa claro que a coalizão de reis que sustentam Babilônia na crise final será desfeita na sexta praga. João diz que os “três espíritos” buscam o apoio dos “reis do mundo inteiro” (Ap 16:13). Depois indica que a meretriz está “sentada sobre muitas águas” (17:1) e “montada” sobre os “reis” (17:2, 3, 17). Ainda afirma que as “águas são povos, multidões, nações e línguas” (17:15). Logo, a retirada das “águas”

indica o fim do apoio dos reis e das nações da Terra à Babilônia (16:12). Assim, a secagem das águas determina a completa fragmentação da coalizão formada pelos “espíritos” (religiões) e os “reis” (poderes políticos) da Terra.

O papel ativo dos santos na queda de Babilônia fica mais claro ao se considerar a identidade geral deles no Apocalipse. João declarou que a secagem do Eufrates prepara o “caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol”. Em geral a expressão é aplicada à vinda de Cristo com seus anjos. A frase é uma alusão a Ciro e

**Os santos têm um papel ativo no Armagedom. Eles restauram a verdade na Terra e desmascaram Babilônia, o que prepara o caminho para sua queda definitiva.**

seus aliados ao dominar a antiga Babilônia, chegando do “oriente” (Is 41:2; 45:21). No Apocalipse, porém, a expressão pode ser uma alusão a Cristo e seus santos, que, como “reis”, “reinarão” sobre a Terra (Dn 7:18, 27; Ap 3:21; 5:10; 20:4; 22:5). Os anjos não são referidos como reis.

João também declara que os “exércitos que há no Céu” seguem a Cristo (Ap 19:14); novamente, muitos pensam nos anjos. Entretanto, os santos é que são chamados de “o exército dos Céus”, contra quem se levanta o “chifre pequeno” (Dn 8:10). Os adjetivos “chamados, eleitos e fiéis” (Ap 17:14) são usados para os santos (Rm 1:6, 7; 1Co 1:2). As vestes do “exército”

e as dos santos são o mesmo “linho finíssimo, branco e puro” (cf. Ap 19:14, 8). Há ainda um paralelo bem claro entre Apocalipse 17:14, em que a besta e os reis “pelejam” contra Cristo e os “eleitos e fiéis”, e Apocalipse 19:19, em que a besta e os reis estão “congregados” contra Cristo e seu “exército”. Logo, a expressão “preparar o caminho” pode sugerir um ajuste para entronizar os reis, que são Jesus e seus santos (ver Mt 3:3; 21:8, 9; Lc 1:76; 19:38).

Assim, o contexto amplo do Armagedom sugere que “os reis do oriente” bem como o Cavaleiro e seu “exército” sejam Jesus e os santos, em uma imagem de sua vitória final. Além disso, o quadro indica que os santos têm um papel ativo e cooperativo na vitória de Cristo, que resulta na queda definitiva da Babilônia. “Vencerão também os [...] que se acham com Ele [Cristo]” (Ap 17:14).

## Início e fim do Armagedom

Uma vez que, no momento da sexta praga, a coalizão dos inimigos de Deus será desfeita, não parece haver possibilidade de os ímpios se organizarem para a batalha. Um Armagedom a ser travado após a sexta praga parece fora de lugar. Essa praga prevê justamente a *fragmentação* dos inimigos em vez de seu *ajuntamento*. Então, quando é que eles se juntam?

Uma relação entre os capítulos 13 e 16 pode ajudar a visualizar esse momento profético. João descreve “três espíritos” que saem da boca do dragão, da besta e do falso profeta, os quais “ajuntam” os reis da Terra para a batalha. Esses “três espíritos imundos”, que seriam três anjos caídos, são a contrapartida dos três anjos celestiais de Apocalipse 14.<sup>12</sup> Os três anjos representam o remanescente que restaura a verdade e a lei de Deus na Terra. Os três demônios representam as religiões que difundem um sistema de culto contrário à lei de Deus.

Os “espíritos” se dirigem aos “reis”, ou seja, ao poder político. Essa afirmação sugere que, no tempo específico indicado em Apocalipse 16:14, os poderes religiosos estejam separados do poder político. Por isso, os demônios vão em busca do apoio dos reis. Nesse contexto, é importante notar que os “sinais” operados pela segunda besta (13:14) e os “sinais” operados pelos demônios (16:14) criam um paralelo entre os dois textos, destacando o fascínio do poder religioso como o elemento catalisador dos “reis da Terra” para o Armagedom. Assim, a ação dos “três espíritos” é paralela à ação do falso profeta em Apocalipse 13, e ambas marcam a mesma iniciativa do poder religioso em buscar o poder político, ou seja, a união entre a Igreja e o Estado, para o decorrente decreto dominical.

Nesse caso, o relato da ação dos espíritos em ajuntar “os reis do mundo inteiro” (Ap 16:14) pode ser visto como um parêntese na narrativa da sexta praga. Esse parêntese revelaria como a sustentação política da Babilônia foi construída, antes das pragas. Os versos 13 e 14 seriam um *flashback* à anterior formação da coalizão perseguidora, a ser quebrada na sexta praga. Assim, a ação da segunda besta, o mais poderoso dos “reis da Terra”, em impor a marca da besta e um boicote econômico global contra os que se opõem a ela (Ap 13:15-16) parece marcar o início do Armagedom.

É possível, portanto, que o Armagedom seja a mesma batalha referida em diferentes momentos do Apocalipse (12:17; 13:4, 7, 16; 16:14; 17:14; 19:19), a qual começaria antes das pragas, com a emissão do decreto dominical, e se estenderia até a segunda vinda de Jesus. Em todos esses textos, João usou o verbo *polemeo* ou o substantivo *polemos* para falar da “peleja” entre os santos e seus inimigos, o que cria um paralelo entre as referidas visões.

A princípio, a batalha será crítica para os santos, dos quais muitos serão mortos (Ap 13:15). No entanto, mesmo em situação

difícil, o remanescente completará a missão de restaurar a verdade na Terra e desmascarará Babilônia, o que preparará o caminho para sua queda. A cada praga, os inimigos serão abatidos e os santos, vindicados. A “secagem das águas”, indicando a quebra da Babilônia, marcará o momento decisivo da virada, em que o remanescente será exaltado e os inimigos, abatidos.

Ellen White assinala que, antes das pragas, Satanás estará em ação para “ajuntar” os reis para o Armagedom. Em 1890, ela escreveu: “O tempo atual é solene e terrível para a igreja. Os anjos já estão cingidos, esperando a ordem de Deus para derramar suas taças de ira sobre o mundo. [...] Satanás também está arregimentando as forças do mal, dirigindo-se ‘aos reis do mundo inteiro’, ajuntando-os sob sua bandeira, [...] para ‘a peleja do grande Dia do Deus Todo-poderoso’”.<sup>13</sup>

Em 1902, prevendo a crise final por causa da restauração da verdade, ela reiterou: “Um terrível conflito encontra-se diante de nós. Aproximamo-nos da peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso. [...] Muito em breve, será travada a última grande batalha entre o bem e o mal. A Terra será o campo de batalha – o local da peleja e da vitória final”<sup>14</sup>. Nesse texto, ela afirma que o Armagedom se estenderá por toda a Terra, e que essa guerra já estava diante do povo de Deus há mais de 100 anos. Ela visualizou o confronto a ter lugar após a união entre a Igreja e o Estado, ato esse que criará as condições para o decreto dominical e a perseguição aos fiéis de Deus.

Assim, com a imagem da secagem das águas, a sexta praga prevê a retirada do apoio dos reis à meretriz Babilônia, não o ajuntamento deles para uma batalha. O Armagedom deve começar antes das pragas com a emergência do poder da segunda besta e deve se estender até a vinda de Jesus. As pragas legitimam a pregação do remanescente e, na sexta, a confederação dos inimigos de Cristo e

seu povo sofrerá uma fragmentação e um golpe irreparáveis.

Os santos têm um papel ativo no Armagedom. Eles restauram a verdade na Terra e desmascaram Babilônia, o que prepara o caminho para sua queda definitiva. O clímax da batalha é extremamente crítico para os ímpios, sendo previsto um lauto sem precedentes na sexta praga. Entretanto, é grandemente positivo para os justos, que se preparam para receber o Senhor e tomar posse do reino preparado para eles desde a fundação do mundo. **M**

## Referências

- <sup>1</sup> Hans K. LaRondelle, “Armageddon: History in Adventist Interpretation”, em *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, ed. Frank B. Hoolbrook (Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 1992), 2:435-436.
- <sup>2</sup> Francis D. Nichol, ed. *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: CPB, 2011-2014), 7:934, 937.
- <sup>3</sup> Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), p. 503.
- <sup>4</sup> Jon Paulien, *Armageddon at the Door* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008), p. 60.
- <sup>5</sup> Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002) p. 151, 152.
- <sup>6</sup> Robert B. Sloan e Carey C. Newman. “Ancient Jewish Hermeneutics”, em *Biblical Hermeneutics: A Comprehensive Introduction to Interpreting Scripture*, eds. Bruce Corley, Steve W. Lemke e Grant I. Lovejoy. (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2002), p. 58-59.
- <sup>7</sup> Klyne Snodgrass, “The Use of the Old Testament in the New”, em *Interpreting the New Testament: Essays on Method and Issues*, eds. David A. Blacke e David S. Dockey (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001), p. 218.
- <sup>8</sup> Jon Paulien, *The Deep Things of God* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), p. 139.
- <sup>9</sup> Hans K. LaRondelle, “Armageddon: Sixth and Seventh Plagues”, em *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, ed. Frank B. Hoolbrook (Silver Springs, MD: Biblical Research Institute, 1992), 2:374.
- <sup>10</sup> Doukhan, p. 156, 158.
- <sup>11</sup> LaRondelle, p. 2:382.
- <sup>12</sup> Paulien, p. 76.
- <sup>13</sup> *Comentário Bíblico Adventista*, 7:1099.
- <sup>14</sup> Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: CPB, 1999), p. 250.



Cortezia do autor

# Estilo de vida adventista

## Reflexões a partir de experiências de Ellen White

O tema referente ao “estilo de vida” tem gerado discussões entre os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia ao longo do tempo. De acordo com R. K. Hayden, a discordância “[...] sobre qual tipo de música é aceitável, o uso de joias, estilo de vestuário, o que devo comer, qual tipo de recreação devo praticar [...] têm nos dividido em dois campos”.<sup>1</sup>

No entanto, quando analisamos o assunto sob a perspectiva do remanescente de Deus, tal discussão aparece em uma moldura diferente daquela em que estamos acostumados a ver. Esse fato pode ser explicado à luz da compreensão quanto à origem e missão desse grupo especial de representantes de Deus na escatologia bíblica.

Vale lembrar que, apesar de todas as disputas sobre quem está certo ou errado, essa é a sétima e última igreja da profecia apocalíptica, Laodiceia (Ap 3:14-22), o povo descrito por Jesus Cristo como Seu “remanescente final”. Dessa forma, é necessário refletir sobre algumas questões.

1. Estamos atentos às tendências e ao impacto do secularismo sobre a Igreja Adventista?

2. Será que isso tem contribuído para fragmentar a igreja e desviá-la de seu curso profético?

3. Qual tem sido nossa estratégia para tratar dessas questões? Podemos delinear de forma clara o ponto de equilíbrio?

4. Quais são os instrumentos que promoverão a unidade em meio à diversidade de opiniões e culturas? Como devemos aplicar os conselhos da revelação profética de Deus?

Diante da necessidade de unidade entre o remanescente é preciso destacar a “regra áurea” do cristianismo: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7:12). Se desejamos preservar nossa identidade, precisamos aprender a aplicar esse princípio.

### Ellen White e o remanescente

O termo “remanescente” é empregado de diversas maneiras nos escritos de Ellen White. Diante de tal variedade, há uma dupla predominância em sua aplicação, que apresenta um caráter religioso e teológico. O termo “remanescente” aparece em seus escritos com expressões sinônimas, como “fiéis”, “fiéis filhos de Deus”, “povo de Deus”, “os que mantêm sua lealdade a Deus”, “um pequeno grupo” e “os santos”. As formas variadas do termo revelam que a autora atribuiu ao assunto um destaque de valor em seus escritos.

Esse grupo fiel é a ferramenta atuante de Deus para resguardar e proclamar Sua revelação salvífica ao mundo nos últimos dias. Ellen White ainda menciona que, embora seja um povo frágil, “por intermédio

dele Deus Se propõe a preservar na Terra Seu conhecimento bem como Sua lei. Eles são os guardiões do verdadeiro culto, os guardadores dos santos oráculos”.<sup>2</sup>

### Ellen White e o estilo de vida adventista

A contribuição de Ellen White ao estilo de vida dos adventistas do sétimo dia exerceu forte influência na igreja e na sociedade. De acordo com Bull e Lockhart, “de todas as alternativas de estilo de vida norte-americano, o adventismo do sétimo dia é uma das mais habilmente diferenciadas, sistematicamente desenvolvidas e institucionalmente bem-sucedidas”.<sup>3</sup>

Nossos pioneiros adotaram o método de estudar a Bíblia de forma sistemática durante o estabelecimento das nossas doutrinas. Algumas vezes, Deus concedia uma visão a Ellen White que contribuía para confirmar o consenso geral do grupo e remover as dúvidas daqueles que não haviam compreendido determinada crença. De acordo com George Knight, o mesmo princípio não se aplica ao “papel desempenhado por Ellen G. White na área do estilo de vida”.<sup>4</sup>

Muito embora atualmente os adventistas tenham a tendência de considerar as doutrinas e o estilo de vida em um mesmo patamar de importância, não foi assim em seus primórdios. A constituição dos padrões que formam o estilo de vida vieram de forma gradativa. No entendimento

de Knight, talvez a diferença girasse em torno do fato de que a doutrina define a denominação.<sup>5</sup> A doutrina, portanto, foi uma questão fundamental e recebeu muita atenção dos primeiros adventistas sabatistas. Por sua vez, alguns assuntos, como por exemplo, o estilo de vida, tornaram-se secundários.

Olhando por essa perspectiva, pode-se compreender que cada aspecto que forma o estilo de vida adventista tem uma função não meramente comportamental, mas missiológica. Assim, as questões relativas ao estilo de vida devem ser consideradas “meios” para pregar a doutrina no contexto da salvação.

## Padrões comportamentais

Ao se analisar a função e o valor dos padrões comportamentais na formação do estilo de vida, pode-se identificar a existência de pelo menos três níveis: absoluto, temporal e cultural.

*Padrões absolutos* são regras que se aplicam em todos os tempos, a todas as pessoas e em todas as circunstâncias. Por exemplo: os dez mandamentos são exigências comportamentais absolutas. A cobiça é sempre algo errado. O adultério não é permitido. Adorar falsos deuses é idolatria. Essas regras se aplicam tanto na África quanto na Europa ou demais partes do mundo. Pessoas educadas precisam delas tanto quanto os iletrados.

Os escritos de Ellen White exaltam os padrões absolutos. Por meio deles, entendemos a justificação pela fé, o sacrifício de Cristo aceito por Deus em nosso favor e também a santificação. Esta última, é um processo vitalício no qual se aprende a viver de acordo com esses padrões absolutos. Enquanto olharmos para Jesus, Ele nos dará poder para superar constantemente os obstáculos e crescer na compreensão desses valores divinos.

*Padrões temporais* são obrigações para o povo de Deus em todo lugar, mas

não para todos os tempos. Por exemplo, no Antigo Testamento, nenhum homem poderia se tornar judeu sem ter sido circuncidado. Todos os judeus, não importa onde morassem, celebravam a Páscoa. Hoje, porém, nem a circuncisão nem a observância da Páscoa são exigências para os cristãos.

Ellen White contextualizou questões dessa natureza em seu tempo. Elas incluíam o batismo por imersão, lava-pés e cerimônia da comunhão. O batismo é o meio oficial de entrada para a igreja. O lava-pés, o uso de pão sem fermento e do suco da uva são mundiais no adventismo. Eles

**Cada aspecto que forma o estilo de vida adventista tem uma função não meramente comportamental, mas missiológica.**

permanecerão até a segunda vinda de Cristo. No entanto, nenhum deles era obrigatório antes de Jesus vir à Terra.

Um exemplo interessante que se destacou durante as primeiras décadas do adventismo foi o da nomenclatura dos dias da semana. Ao comentar a respeito desse assunto, Gerald Wheeler destaca que os adventistas, assim como outros grupos conservadores, opunham-se a qualquer elemento que eles pensavam ter origem ou conotação pagã. Desse modo, até evitavam chamar os dias da semana pelo nome, porque esses derivam dos nomes de deuses pagãos. Por muitos anos, a *Review and Herald* usou apenas primeiro dia, segundo dia, etc. Atualmente, esse fato não provoca grande preocupação. Poucos veem isso como uma ameaça ao cristianismo ou ao adventismo.<sup>6</sup>

*Padrões culturais* representam práticas que podem ser locais ou mundiais. Às vezes, elas envolvem padrões temporais. Por exemplo, certo pastor, num sábado muito quente, pregou sem o paletó. Entretanto, disseram-lhe que, naquele lugar, era inadmissível pregar sem usar paletó e gravata. Padrões culturais costumam legislar a respeito de questões como vestimenta, entre outras. No passado, numa assembleia da Associação Geral da Igreja Adventista, foi proibido o uso de cavanhaques e bigodes. Contudo, na cultura atual, esses padrões não transmitem a mensagem negativa que transmitiam na cultura que os banuiu.

Outra situação diz respeito ao uso da aliança de casamento nos Estados Unidos. Retirá-la do dedo era uma condição preliminar para o batismo na Igreja Adventista. O fato de a remoção da aliança não ser um consenso global na denominação é também significativo para o entendimento das normas e do estilo de vida no adventismo.

Ellen White se deparou com essa experiência quando seu filho William se casou com May Lacey, uma australiana. May e William trocaram alianças na cerimônia de casamento por causa do forte simbolismo para a família da noiva. Nessa ocasião, Ellen White apoiou a decisão da nora. Anos depois, quando o casal se mudou para os Estados Unidos, May deixou de usar a aliança em função de estar vivendo numa comunidade em que o assunto era visto de outra maneira.

## Conclusão

Ao nos aproximarmos do desfecho da história humana, Deus concede a Seu povo orientações claras quanto ao valor e importância do estilo de vida. Conforme Ellen White afirma, é propósito divino nos levar de volta, “passo a passo, a Seu desígnio original!”<sup>7</sup>

No entanto, o remanescente continuará debatendo o tema do estilo de vida

durante a caminhada. A tendência é de que essa questão se torne mais acalorada à medida que o tempo do fim se aproxima. Contudo, um coração compassivo e misericordioso servirá como imã para atrair as pessoas aos pés de Cristo, tanto os de fora quanto os de dentro. Assim, ocorrerá a verdadeira transformação que o Senhor deseja realizar em cada um de nós.

Quando o tema do estilo de vida se torna objeto de meros debates, em que opiniões pessoais passam a definir os padrões sem o aporte da revelação profética, surgem divisões entre o povo de Deus. Como consequência, perdemos nosso foco na missão da igreja.

Ao analisar o modo de promover o estilo de vida sem ter Cristo como centro, Hayden afirma que isso “não resultará em nada mais do que aumentar a população de fariseus na igreja”.<sup>8</sup> Quando apresentamos o assunto sem ser cristocêntricos, contribuimos para a formação de cristãos que pensam e agem de forma polarizada e desequilibrada. Ellen White destaca que “Cristo não força, mas atrai as pessoas a Si. A única força que Ele usa é a do amor”.<sup>9</sup> Ao abordar o risco de extremismo, a autora ainda afirma que “deveríamos assumir cada reforma com entusiasmo, mas evitando dar a impressão de que somos vacilantes e fanáticos”.<sup>10</sup>

A única segurança para o remanescente é conduzir a vida segundo os padrões estabelecidos por Deus em Sua revelação,

jamais pelo modelo secular. Nesse momento escatológico, é preciso que o povo fiel seja guiado e governado por princípios sagrados, em vez de seguir as tendências, ideias e opiniões humanas. Ao destacar a influência do mundo sobre o remanescente, Ellen White declara: “A conformidade com o mundo é um pecado que está minando a espiritualidade de nosso povo,

**Quando o tema do estilo de vida se torna objeto de meros debates, em que opiniões pessoais passam a definir os padrões sem o aporte da revelação profética, surgem divisões entre o povo de Deus. Como consequência, perdemos nosso foco na missão da igreja.**

e prejudicando seriamente sua utilidade. Inútil é proclamar ao mundo a mensagem de advertência, enquanto a negamos nas realizações da vida diária.”<sup>11</sup>

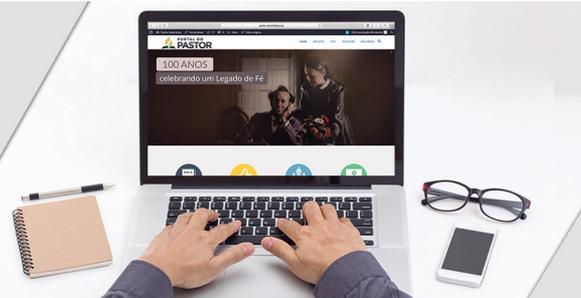
Vislumbrando o destino do povo de Deus, ao passar pelos últimos momentos da história, a autora afirma: “Estamos

vivendo num tempo solene entre as cenas finais da história da Terra, e o povo de Deus não está desperto. Ele deve despertar e fazer maior progresso na reforma de seus hábitos de vida, alimentação, vestuário, trabalho e repouso. Em tudo isso deve glorificar a Deus, estar preparado para dar combate ao nosso grande inimigo e desfrutar as preciosas vitórias reservadas por

Deus para os que exercem a temperança em todas as coisas, enquanto se empenham por alcançar uma coroa incorruptível.”<sup>12</sup> **M**

#### Referências

- <sup>1</sup> R. K. Hayden, *Life Styles of the Remnant – A Refreshing Look at the Principles of Christian Living* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2001), p. 25.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: CPB, 1989), p. 677.
- <sup>3</sup> M. Bull e K. Lockhart, *Seeking a Sanctuary – Seventh-day Adventism and the American Dream* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1989), p. ix e 14.
- <sup>4</sup> George R. Knight, *Uma Igreja Mundial – Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia*, (Tatuí, SP: CPB, 2000), p. 80.
- <sup>5</sup> Ibid.
- <sup>6</sup> G. Wheeler, “The Historical Basis of Adventist Standards”, *Ministry*, outubro de 1989, p. 9.
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: CPB, 1995), p. 71.
- <sup>8</sup> Hayden, p. 30.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: CPB, 2009), p. 80.
- <sup>10</sup> Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens* (Tatuí, SP: CPB, 2000), p. 559.
- <sup>11</sup> Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: CPB, 1997), p. 127.
- <sup>12</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: CPB, 1985), v. 3, p. 107.



<http://pastor.adventistas.org>

# Crise de imagem

**Felipe Lemos**  
Gerente da assessoria de  
comunicação da Igreja  
Adventista para a América  
do Sul



Gentileza do autor

## O que fazer para preservar a reputação da igreja em meio a situações difíceis

**N**inguém gosta da palavra *crise*. Muito menos uma instituição mundial como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com mais de 19 milhões de membros, presença em dezenas de países, milhares de congregações e diversos projetos, programas e ações realizados em diferentes áreas. Entretanto, as crises fazem parte da realidade de qualquer organização humana. Na definição de Belmiro Neto, “crise é um evento específico e inesperado, que cria altos níveis de incerteza e ameaça às empresas e aos seus públicos e gera grande pressão por respostas imediatas sobre suas causas, seus efeitos e consequências”<sup>1</sup>.

Em todas as organizações existem riscos que podem levar a crises. Felizmente, a maioria deles é possível de se administrar. Contudo, às vezes, problemas em escolas, igrejas ou instituições de saúde se tornam inevitáveis. Acidentes, desastres, desvio de conduta de algum funcionário ou um posicionamento público que cria uma repercussão negativa podem arranhar a imagem institucional. É bom lembrar que nem todas as crises se tornam conhecidas do grande público. Algumas delas, nem mesmo os funcionários ou membros da igreja ficam sabendo.

Além disso, é importante compreender que as crises podem ocasionar prejuízos

econômicos à organização e, se mal gerenciadas, criar problemas para a reputação de determinada instituição. A reputação é o maior bem que uma igreja, por exemplo, pode ter. É seu patrimônio de grande valor, é como os outros a veem.

Para cada etapa e tipo de crise, há algumas dicas e orientações que podem ser seguidas pelos pastores, a fim de minimizar os efeitos prejudiciais do fato negativo. Afinal de contas, o pastor é um líder onde quer que esteja, seja no distrito pastoral, na escola, na universidade ou em um hospital.

O que se espera de um líder, nessas condições adversas, é capacidade

Romolo Tavani / Fotolia

espiritual de liderar, serenidade e espírito colaborador. Esse último item, aliás, é importantíssimo, porque o gerenciamento de crises não é uma tarefa solitária. É o papel de um comitê, de um grupo com profissionais especializados que deve agir de modo equilibrado.

João José Forni destaca que “nas crises, os líderes autênticos confiam em quem entende e, por isso mesmo, erram menos. Não demoram a tomar a decisão. Recorrem à intuição, mas têm o discernimento de usar dados do mundo real e o bom-senso de anos de experiência política e de liderança”.<sup>2</sup>

Vamos a algumas dicas:

**Não se resolve uma crise sozinho. Entenda que o gerenciamento é uma ação de um comitê especializado.** Forni, Mário Rosa, Belmiro Neto, Martha Gabriel e especialistas estrangeiros concordam em declarar que não existe a possibilidade de tentar gerenciar uma crise somente a partir da percepção de uma só pessoa. Por isso, a Divisão, as Uniões, Associações/Missões e instituições adventistas sul-americanas estão formando comitês de gerenciamento de crise. É uma equipe multidisciplinar, formada por profissionais de comunicação, administração, direito, entre outras áreas, que enfrenta determinadas situações, especialmente de maior dimensão e com alto potencial de prejuízo à imagem da igreja. Os pastores, nesses níveis administrativos, devem motivar a criação desses comitês e fazer parte deles.

**Esteja atento aos riscos.** O pastor de um distrito, o capelão de uma escola ou de um hospital precisa estar com os olhos abertos para os riscos que podem se tornar crises. Na congregação local, a falta de uma saída de emergência, de extintores de incêndio, um banheiro com a porta estragada ou mesmo a escolha de pessoas despreparadas para lidar com adolescentes

podem ser riscos em potencial. Na escola, a adequação às leis educacionais precisa ser levada a sério e a maneira pela qual são tratados os problemas com alunos pode fazer toda a diferença para que um procedimento rotineiro não se transforme em uma crise que ameaça a imagem institucional.

**Proteja sempre os mais indefesos.** Geralmente, a opinião pública observa com atenção como instituições religiosas ou mantidas por igrejas cuidam de mulheres, crianças e idosos, considerados os mais indefesos da sociedade. Tomar cuidado adicional com esses grupos é uma prevenção importantíssima. Por exemplo, crianças e adolescentes devem viver em ambientes com riscos mínimos de abusos morais ou sexuais. Nas reuniões administrativas (comissões de igreja, reuniões de professores, etc.), é fundamental incluir na agenda ações preventivas relacionadas a esses grupos.

**Divulgue materiais de prevenção em sua igreja, colégio ou hospital.** Há materiais de orientação com linguagem acessível preparados para vários tipos de público. Vale a pena conhecê-los e distribuí-los, especialmente em reuniões administrativas. Eles podem ser encontrados facilmente no site [adv.st/gestaocrises](http://adv.st/gestaocrises).

**Não use as redes sociais para ampliar crises que a Igreja Adventista estiver enfrentando.** O papel de defensor da marca é algo muito importante atualmente. Nas redes sociais, o pastor, como líder denominacional, deve ser alguém que motiva e inspira seus liderados a conhecer mais sobre Deus e a fazer parte da missão evangelística da igreja. O ambiente virtual não deve ser o lugar em que ele critique publicamente a organização e/ou enfatize crises públicas pelas quais determinada instituição esteja passando. Se o interesse é de contribuir com alguma sugestão, o

ministro deve procurar os canais oficiais da igreja para manter contato e opinar. Portanto, evite a crítica nas redes sociais. Isso não ajudará no gerenciamento de crises.

**Seja um apoiador para resolver problemas administrativos.** Na igreja local, o pastor, em um momento de adversidade, deve ser o conciliador que dá todo suporte para tranquilizar a congregação. Além disso, ele precisa transmitir as informações corretas, a fim de propiciar um ambiente de segurança. Eventualmente, o ministro terá papel ativo na resolução de alguma questão administrativa local, responsável por ocasionar o problema. Contudo, fará isso sempre sob a orientação de outros pastores e administradores cientistas do caso.

**Encare o assunto com muita oração e apego à Palavra de Deus.** Embora o gerenciamento de crises de imagem seja uma tarefa que envolve atitudes técnicas, jamais deixa de ser um assunto espiritual. É por isso que os pastores devem encarar o tema sempre com muita oração e estudo da Bíblia. Somente Deus pode dar sabedoria para enfrentar adequadamente situações em que Seu próprio nome é colocado em xeque.

Em resumo, o pastor é um grande colaborador nessa atividade que não tem cargo previsto no Manual da Igreja, nem confere fama a quem a realiza, mas é essencial em uma organização como a Igreja Adventista, cada vez mais presente e atuante na sociedade. Que Deus nos dê capacidade de atuar bem como agentes de defesa dessa importante marca. 

## Referências

<sup>1</sup> Belmiro Neto, “Gestão e comunicação de risco e de crises”, em *Comunicação Corporativa e Reputação* (São Paulo, SP: Saraiva, 2010), p. 179.

<sup>2</sup> João José Forni, *Gestão de Crises e Comunicação: O que Gestores e Profissionais de Comunicação Precisam Saber para Enfrentar Crises Corporativas*. (São Paulo, SP: Atlas, 2013), p. 150.

# Milagres no fim do mundo

O poder de Deus se manifesta nos lugares mais distantes da Terra



**E**m março de 2015 chegamos às Ilhas Falklands (Malvinas) para a maior missão de nossa vida: evangelizar um país secularizado e com muitos ateus, típico da sociedade pós-moderna.

Clima frio, dias nublados e ventos fortíssimos durante a maior parte do ano parecem influenciar o comportamento dos ilhéus. Isso nos impactou quando mudamos para cá. Os desafios também pareciam intransponíveis, porque o nacionalismo e o preconceito contra imigrantes também são muito fortes aqui.

A Guerra das Malvinas, em 1982, começou quando a Argentina invadiu e ocupou as Ilhas Falklands, na tentativa de estabelecer a soberania sobre esse território, pertencente ao Reino Unido. O conflito terminou com a rendição argentina. Centenas de soldados de ambos os lados, e três ilhéus falklanders, morreram durante o combate. O fato deixou feridas que parecem não querer sarar.

Quando chegamos, nosso maior objetivo era comprar uma casa ou um local em que pudéssemos iniciar o trabalho.

Orávamos e pedíamos sabedoria a Deus, pois no país há uma lei que não permite que estrangeiros adquiram propriedades. Nossas propostas de compra foram recusadas por três vezes pelo governo. O sonho parecia impossível.

Certo dia, enquanto fazia compras em um supermercado, o gerente se aproximou e perguntou: “O que vocês estão fazendo aqui nas Ilhas Falklands?”

Respondi que planejavamos adquirir uma casa ou um terreno para desenvolver atividades beneficentes visando ajudar pessoas necessitadas. Com o rosto vermelho, aparentando estar nervoso e irritado, ele me disse: “Vocês jamais conseguirão comprar alguma propriedade aqui, tudo pertence somente aos falklanders!” Saí daquele estabelecimento escandalizado com tanta arrogância, mas confiante de que Deus é soberano e de que Seus desígnios seriam estabelecidos.

O advogado da rainha (profissional que trabalha para o governo), num almoço com um advogado adventista que frequentava nossas reuniões, disse: “Os adventistas podem fazer de tudo, mas jamais irão adquirir alguma propriedade nesse país.”

Intensificamos nossos períodos de oração e colocamos o problema nas mãos de Deus. Três meses depois, miraculosamente, foi aprovada a compra de uma casa com um enorme terreno.

O Senhor é tremendo! Atualmente, conduzimos um pequeno grupo de amigos que gostam de ouvir sobre

Jesus. Eles dizem que se sentem abençoados em nossas reuniões, e agradecem a Deus por ter um lugar para juntos louvarmos o Pai. Muitas vezes eles não conseguem conter a emoção e as lágrimas, pela oportunidade de estar juntos, confraternizando-se, desfrutando momentos de paz e alegria, numa região em que o isolamento e a solidão são muito grandes.

Todo país recebe o sinal do Hope Channel, nosso canal internacional de TV. A diretora da empresa responsável pela instalação do receptor ficou impressionada, pois o sinal de satélite não tem força pra chegar às ilhas. Ela testou outros canais comerciais com a mesma distância e nenhum funcionou, somente o nosso. Quão grande é nosso Deus. Aleluia!

Durante o evangelismo da Semana Santa, tive o privilégio de batizar uma família de seis pessoas, em Santiago, Chile. Os pais aceitaram a mensagem da salvação nas Ilhas Falklands e a transmitiram aos filhos, que também receberam o Senhor Jesus como Salvador deles.

Não há impossíveis para Deus. Seu poder e Sua glória se estendem até o fim do mundo, até mesmo aqui, onde estamos vivendo, pertinho da Antártida. “Calai-vos perante Mim, ó ilhas, e os povos renovem as forças [...]. As ilhas O viram, e temeram; os fins da Terra tremeram: aproximaram-se, e vieram” (Is 41:1, 5, ARC). Sua graça e Seu amor o alcançam, querido pastor. Sua mão o ampara onde você estiver. Maranata! **TM**

**Robson Gondim**  
Missionário nas Ilhas Falklands



Gentileza do autor

# É proibido

## Conselhos de uma filha de pastor sobre o que um ministro não deve fazer

**T**oda vez que as portas de nossa igreja estavam abertas, eu estava lá. Minha família era muito envolvida, porque meu pai era pastor, e nós morávamos ao lado da igreja.

Ser vizinho da igreja e estar muito comprometido com a vida da congregação levou meu pai a um estado de estresse, sobrecarga e exaustão. Quando me tornei adulta, passei a ajudar meu pastor em tarefas triviais. Contudo, essas atividades comuns cresceram a ponto de demandar uma pessoa que se dedicasse em tempo integral a elas. Foi então que percebi algo muito importante: existem algumas coisas que os pastores não devem fazer.

**Limpar a igreja.** Essa tarefa consome muitas horas durante a semana. Isso não é o que Deus os chamou para fazer.

**Encher o tanque batismal.** Ou preparar os emblemas da Santa Ceia. Essas tarefas são demoradas. Minha irmã mais nova, meu irmão e eu sempre limpávamos e enchíamos o tanque batismal para nosso pai, e isso levava algumas horas. Os diáconos devem se responsabilizar por isso. Na noite anterior à pregação, o pastor deve gastar muito tempo em oração.

**Planejar eventos sociais.** Meu pai gostava de planejar e organizar as coisas, mas sei que algumas pessoas de nossa igreja tinham habilidades organizacionais e de gestão. Muitos membros fazem isso diariamente no trabalho, mas, quando se trata da igreja, nem sempre querem ajudar. Se

alguém tem disponibilidade para planejar eventos sociais, seria bom que ele ajudasse, pois, o pastor certamente não tem tempo extra para investir nessas atividades.

**Operar o sistema de mídia (som e imagem).** Esse é o lugar em que eu atuava, e ainda atuo, para ajudar tanto meu pai quanto meu pastor atual. Essa atividade não demanda muito tempo para aprender. É um trabalho de bastidores, ideal para voluntários discretos como eu. O pastor não deveria ter de se preocupar como esses detalhes técnicos.

**Trabalhar sete dias por semana.** Os pastores trabalham todos os dias da semana. Eles estudam, preparando-se para ministrar estudos bíblicos e entregar sermões, fazem ligações telefônicas, visitam e prestam aconselhamento. Eles nunca param de trabalhar. Em nossa família, o telefone permanecia ligado dia e noite, o que significa que, se meu pai recebesse uma ligação às 2h30 da madrugada, certamente iria sair para cuidar de alguém. Quanto tempo o corpo aguenta, trabalhando 24 horas por dia sete dias por semana? Meu pastor atual tira um dia de folga semanal, e acho que todo ministro deveria fazer isso. Esse tempo é necessário para que o corpo possa relaxar e ser capaz de funcionar da melhor forma.

**Cancelar um período de férias em virtude de pequenas emergências.** Geralmente, o pastor não é a única pessoa capaz de resolver situações de emergência. Ele não tira férias frequentemente, portanto, qualquer contingência deve ser avaliada pelos líderes da igreja local, a fim de se certificar de que não há mais ninguém que possa resolver o problema. Pastores são transformados em *workaholics* por seu amor pelas pessoas e pela obra de Deus. Entretanto, o trabalho sem pausa não é saudável, e eles precisam de um tempo de descanso.

**Pregar sem o apoio de intercessores.** O pastor fica entre o inimigo e a igreja o tempo todo, constantemente sob a pressão e os ataques de Satanás. Sabedores da diferença que faz ter o auxílio de intercessores, os membros jamais deveriam parar de orar por seu pastor!

**Fazer tudo.** Um pastor não deve ter que fazer tudo. Sua principal atividade é compartilhar as Escrituras Sagradas. É hora de nós, membros, pararmos de achar que nossos pastores devem fazer todo o trabalho. Devemos tirar dos ombros deles as tarefas cotidianas, a fim de que possam se concentrar no que Deus os chamou a fazer: pregar a Palavra! **M**

**Lydia Young**  
Trabalha como professora em Phoenix, Estados Unidos



Jakubzak / Fotolia



William de Moraes

# Salvando a família

## Um modelo de terapia breve e flexível para dar esperança ao casamento

Nesta época pós-moderna, em que o maligno emprega toda a sua astúcia para desconstruir o modelo de família estabelecido por Deus, fortalecer os laços matrimoniais é questão *sine qua non*. O matrimônio pode ser comparado ao corpo humano. Quando ocorre um problema físico, o corpo sente a repercussão em algum dos seus sistemas. Semelhantemente, o matrimônio, quando conturbado, apresenta sintomas: conflitos com parentes, descontrole financeiro, intrigas, discussões tolas, etc. É aí que entra o aconselhamento conjugal. Nele, o conselheiro visa alcançar um “ponto de virada” na vida do casal, o que conduzirá para melhoras contínuas após o acompanhamento.

É exatamente isso que Everett Worthington se propõe a fazer em seu livro *Aconselhamento Conjugal* (Editora Palavra, 2007). Um trabalho que explana o conceito teórico e, ao mesmo tempo, apresenta técnicas para aplicá-lo. Everett é um dos conselheiros matrimoniais mais respeitados e publicados nos Estados Unidos, autor de vários livros e diretor do Departamento de Psicologia da Universidade da Virgínia. Nessa obra ele apresenta uma forma de terapia de curta duração, integrando princípios bíblicos e psicologia, o que ele chama de “aconselhamento conjugal centrado na esperança”.

O livro contém duas partes principais. Na primeira, dividida em quatro capítulos,



o autor sintetiza a teoria. Mostra como usar a estratégia para construir esperança – promovendo motivação, sugerindo caminhos viáveis e fortalecendo a resolução dos casais em esperar que Deus atue no matrimônio deles. A segunda parte tem 11 capítulos com mais de 100 intervenções ou testes para aplicar a teoria. No último capítulo, o autor apresenta os elementos essenciais para um aconselhamento que produza efeito permanente.

Você pode ser tentado a questionar: Será que um aconselhamento de “curta duração” realmente funciona? Everett menciona que sua proposta não é meramente uma medida menor de uma coisa boa, mas uma nova maneira de conceber o aconselhamento matrimonial (p. 21). Contudo, ele admite que há casos em que

será necessário um período maior de tempo, por isso seu método é intencionalmente breve, porém, flexível.

Uma visão panorâmica do método mostra que o autor trabalha seis áreas principais: relação terapêutica, objetivo, enfoque, estratégia, alvos e intervenções. Além disso, ele explora as condições para aconselhar, o planejamento necessário para cada sessão e os exercícios práticos ajustados à estratégia geral da abordagem. Assim, o livro procura despertar a vontade em aconselhar casais e obter sucesso.

Destaca-se a explanação clara e concisa do autor a respeito das causas dos problemas matrimoniais e como ajudar. Matrimônios funcionam por várias e complexas razões e falham igualmente por razões múltiplas e complexas. Entretanto, os conselheiros e os casais precisam de uma estratégia que capte a essência do problema e crie a possibilidade de reverter a situação. Everett afirma que “ao se adotar a estratégia de promover amor, fé e trabalho, realiza-se esse intento. Cria-se a oportunidade para que o casal construa esperança” (p. 57).

Em suma, *Aconselhamento Conjugal* é indicado para o pastor que deseja se preparar e aconselhar casais que estejam à beira de um colapso matrimonial ou que desejam fortalecer seu casamento. Assim fazendo, ele também fortalecerá as famílias da sua congregação. **M**

# O para-brisa quebrado



Cortezia do autor

**E**ra um sábado ensolarado. Eu e minha esposa, Silmara, voltávamos para casa após o culto. No trajeto, conversávamos animadamente. Tudo parecia perfeito: o dia, a programação, as pessoas que encontramos... até que entrei numa rodovia próxima de onde moro. Depois de alguns minutos, um forte barulho vindo do para-brisa nos assustou. Uma pedra deixou uma grande rachadura no vidro. O carro era novo e não havia nenhum defeito nele, até aquele momento. O que fazer? Lamentar o acidente ou seguir desfrutando de toda a alegria de antes? Essa decisão cabia somente a nós dois. A partir daquele momento, nossa felicidade parece que perdeu o sentido por causa daquela pedra, daquela marca no para-brisa.

Teria sido muito melhor se tudo tivesse continuado maravilhoso. No entanto, a realidade em que vivemos não é a de um mundo perfeito, da vida perfeita, do casamento perfeito, dos filhos perfeitos e de um ministério perfeito. Devemos aprender a lidar com o “para-brisa quebrado”. Precisamos gerenciar nossas frustrações, quer sejam elas ocasionais ou perenes. Isso nos amadurece, e desenvolve em nós aquilo que a psicologia chama de resiliência.

Paulo nos ensina que não devemos pensar de nós mesmos “além do que convém” (Rm 12:3). Não há nada de errado em ter expectativas, sonhos e objetivos. O problema é quando tudo isso contraria nossa realidade. O apóstolo nos alerta acerca do perigo das falsas expectativas e aconselha moderação. O conselho dele é muito apropriado para nós, pastores do século 21, cercados por influências pós-modernas.

Observadores e estudiosos afirmam que nossa sociedade é egocêntrica e fortemente influenciada pelo ideal de felicidade individual absoluta. Defensores desse pensamento esperam que todas as pessoas se esforcem para fazê-los felizes: pais, cônjuge, amigos, chefe, pastor, enfim, todos! Vivemos na era do ressentimento, em um mundo muito mais exigente do que era há um século. Portanto, é relevante fazer uma avaliação

do quanto nós, pastores, incorporamos esse conceito em nosso ministério, casamento e família.

Não precisamos provar para nossa congregação, nossa sociedade, nem para nós mesmos que somos super-homens ou que nos casamos com supermulheres. Além de ser incoerente, tal pensamento também faz mal à nossa saúde emocional e ao nosso relacionamento conjugal. Se temos conflitos familiares, isso não quer dizer que nosso ministério esteja desqualificado, mas somente que fazemos parte de uma família de carne e osso.

A questão é quando negamos os desafios familiares tentando aparentar um quadro inverídico de perfeição. Não há nenhum problema em admitir que somos imperfeitos e que nossa família está sujeita a divergências. Quando fazemos assim, temos consciência de que precisamos administrar as demandas de nosso relacionamento e que elas não se resolvem sozinhas. Um para-brisa quebrado não significa que o sábado acabou ou que o dia tenha perdido o sentido. É necessário apenas reconhecer que a rachadura existe e que tem conserto.

Para superar a “síndrome do para-brisa quebrado”, você precisa administrar a diferença entre o ideal e o real. Ou seja, viver expectativas coerentes com a realidade de sua família, de seu ministério e de sua congregação, sem esgotar-se por tentar agradar a todos ou aparentar perfeição. É determinante o conselho de Paulo nesse caso, quando diz “não se aflijam com nada; ao invés disso, orem a respeito de tudo; contem a Deus as necessidades de vocês, e não se esqueçam de agradecer-lhe suas respostas. Sua paz conservará a mente e o coração de vocês na calma e tranquilidade, à medida que vocês confiam em Cristo Jesus” (Fp 4:6-7, Bíblia Viva). A propósito, eu ainda não consertei o para-brisa, mas tenho olhado a vida de modo espetacular! 



**Se temos conflitos familiares, isso não quer dizer que nosso ministério esteja desqualificado, mas somente que fazemos parte de uma família de carne e osso.”**

**Marco Lamarques**

Líder do Ministério da Família da Associação Paulista do Vale, São José dos Campos, SP



# BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS

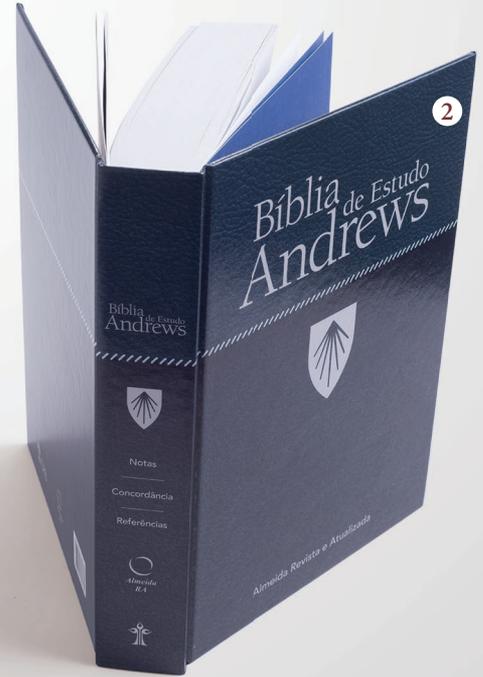
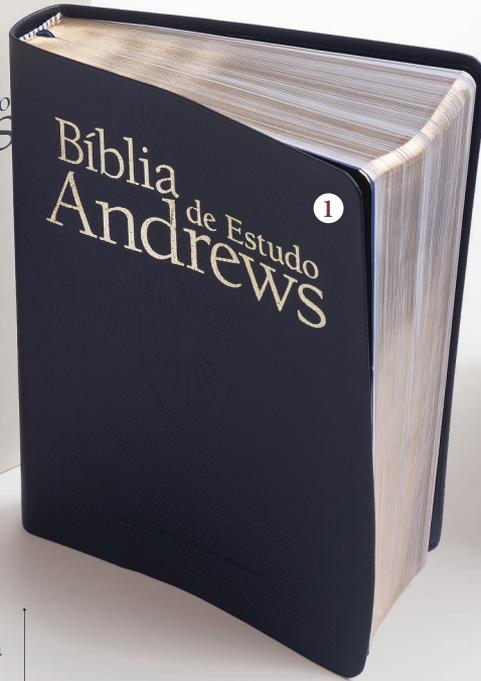
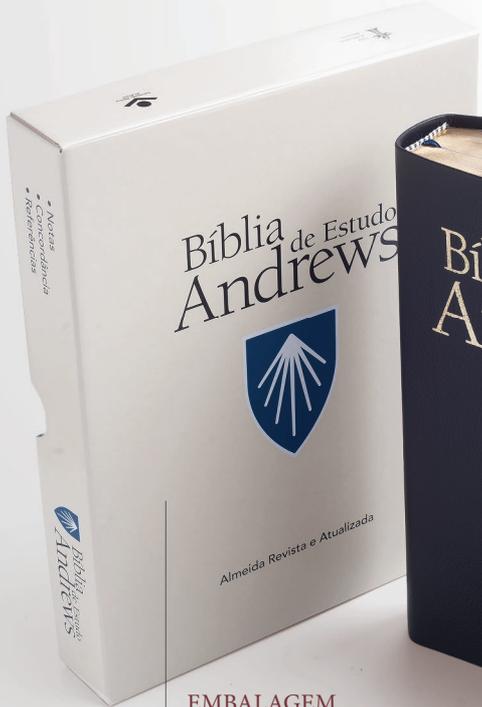
SUPERLANÇAMENTO DA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

► Formato: 17,0 x 23,5 cm ► Número de páginas: 1860

1 Capa de couro preta 2 Capa dura azul

Versão Almeida Revista e Atualizada – 2ª edição

MKT CPB | Willian Moraes



**EMBALAGEM**  
A versão luxo vem acompanhada de uma linda caixa especial.

**REFERÊNCIAS**  
Rico sistema de referências cruzadas.

A BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS FOI DESENVOLVIDA PARA APRESENTAR A PALAVRA DE DEUS DE MANEIRA PRÁTICA, SISTEMÁTICA E PROFUNDA.



**NOTAS**  
Mais de 12 mil notas de estudos produzidas por teólogos qualificados.

**TABELAS E ILUSTRAÇÕES**  
Tabelas e ilustrações no corpo do texto e muito mais.

**MAIS INFORMAÇÕES**  
Índice temático com sugestões para estudos bíblicos. Concordância bíblica abrangente em ordem alfabética. Introdução aos livros contendo informações como: autor, data, local de escrita, temas principais, mensagem, teologia, etc. Quinze mapas originais e coloridos.



0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora